

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **ANTIQUA. MANUSCRITOS INÉDITOS DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO. INFORMES, RECONHECIMENTOS E PROSPECÇÕES.**

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1989 | Número: 99

---

### **Como citar este documento:**

SARMENTO, Francisco Martins, Antiqua. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Informes, reconhecimentos e prospecções. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 16-66.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento

## ANTIQUA

(Informes, reconhecimentos e prospecções) <sup>(327)</sup>

Anotados por  
F. J. SALGADO GUIMARÃES

1880

O *Castro (Francoim)* (a) — Indo visitar o Rodrigo de Meneses a Francoim <sup>(328)</sup>, fui ver o Castro <sup>(329)</sup>, de que ele já me tinha falado, mas dando a entender que nenhum vestígio tinha visto lá. Só lhe tinham trazido uns fragmentos de cacos grossos.

Os cacos eram, como vi depois, fragmentos de telha romana.

Quando examinei a coisa, vi logo que os vestígios tinham desaparecido, porque toda a pedra tinha sido saqueada. É ainda muito visível em quase todo o circuito do monte, que é pequeno, a linha donde foram arrancadas as pedras da muralha, e onde em vez do costumado talude se vê um corte quase direito, que agora vai pouco a pouco aluindo, mas mostrando uma alta camada de terra, calabreada com muito carvão. Apenas

a) Aliás de Sendim (nome da freguesia).

---

<sup>(327)</sup> Continua no presente número da Revista de Guimarães, a publicação de ANTIQUA. Abrange esta parte, o período de 1 de Janeiro de 1880 a 15 de Agosto do mesmo ano. Foi intensa a actividade de Martins Sarmiento durante esses meses, pois visitou e explorou vários locais em Felgueiras, Lousado, Brito, Vermoim, S. Torcato e Cabeceiras de Basto.

A 19 de Junho partiu para Âncora, em vilegiatura, onde continuou as explorações iniciadas no ano anterior. Visitou ainda Valença, Tui, Vigo e Baiona. Regressou a Guimarães em 15 de Agosto.

<sup>(328)</sup> Lugar da freguesia de Sendim, pertencente ao concelho de Felgueiras, donde dista 5 km.

<sup>(329)</sup> Castro de Sendim. Inventariado com o n.º 365 no C.C.N.P. Continuamos a indicar com as iniciais C.C.N.P. a obra de Armando Coelho da Silva «A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal».

num arco do monte o talude dá a entender que a muralha ainda subsiste soterrada.

Fragmentos cerâmicos não são raros, e apanhei um ornamentado, é do tipo Sabrosino: cabeças de alfine também de metal uma de Sabroso. diferente.



A ornamentação circular é feita com tes vazados: a triangular com objecto de certo e é perfeitamente idêntica a A combinação das figuras é que era

Um velhote diz que um tal achara ali muito dinheiro, que o enriquecera. Mós de moinho de mão foram encontradas, e uma delas deve, segundo ele diz, estar na casa do Rodrigo. Era quase noite; não a vi.

O castro, a não ser mais pequeno, era do tamanho de Sabroso. Entre ele e o monte de St.<sup>a</sup> Quitéria (330), que lhe fica muito perto, e onde é natural que também houvesse uma fortificação (o que examinarei em tempo oportuno) fica a casa de Sergude com as suas ruínas e túmulos, que não pude ver (331).

*Montão de Pedras no sítio onde morreu alguém.* — Este uso existe em Francoim. Cada pessoa que passa pelo sítio, onde morreu um tal atira a sua pedra.

*Vermoim* — O Costa de S. Lourenço (332) veio dizer-me, há tempos, que em Vermoim havia muito que ver. Entre outras coisas falara-me duma pedra ornamentada, que tinha vindo das ruínas do alto e hoje estava numa casa à beira da estrada de Famalicão.

Combinei ontem (23 de Abril) com ele uma visita às ruínas (333). Fomos ver primeiro a famosa pedra. Sabroso e Citânia pura! A pedra serve hoje de padieira a uma porta da propriedade da Florida, hoje pertença

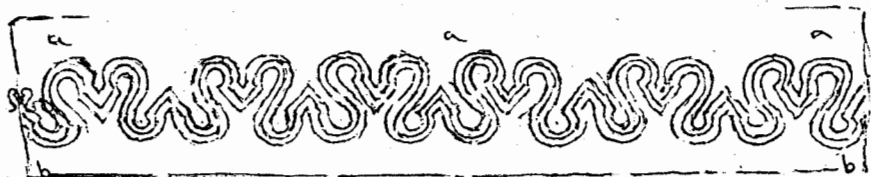
(330) St.<sup>a</sup> Quitéria. Inventariado com o n.º 366 no C.C.N.P.

(331) A origem do solar de Sergude remonta aos alvares da nossa nacionalidade. Em ruínas quando da visita de Sarmento (1880), foi reconstruído alguns anos mais tarde, segundo projecto do Architecto Marques da Silva ao gosto revivalista da época. Nos túmulos brasonados, do séc. XVIII, jazem o antigo Senhor de Sergude, D. Bernardo José Teixeira Coelho Mesquita e sua mulher D. Mariana.

(332) O cirurgião de V. Nova de Sande, J. Custódio da Costa.

(333) Castelo de Vermoim. Inventariado com o n.º 258 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Vermoim, concelho de V. N. de Famalicão.

do Breia, casado com a Ferraz, e pegada à quinta da Breia. Tem hoje 2,85 m de largo e 5 decímetros, pouco mais ou menos, de alto.



Por cima destas figuras há uma outra ordem de figuras idênticas cortadas ao meio, mas cuja disposição não retive. Sei só que as figuras estavam gravadas na mesma direcção das inferiores. A pedra tinha sido partida nos três lados, excepto pelo lado b b. Provavelmente não pertenceu a uma porta. Quando a trouxeram do alto, do fundo do campo alagadiço que fica a sudoeste de «Cotouto» (Castelo de Vermoim), o carro quebrou — talvez o peso. A grossura não podia ser inferior a 2 palmos. Pelas costas é direita. Hei-de fazer diligências por adquiri-la (334).

Montámos a cavalo e subimos para o alto guiados pela mulher do ferrador, que dizia conhecer o sítio aos palmos, por ter na sua infância guardado cabras, ou ovelhas por ali.

Como nós tivéssemos falado numas «Caldas» e a mulher dissesse que pouco torcíamos, indo por elas, fomos vê-las. Ficam num grande plano, a poente do «Castelo». A fonte que brota da chã é um pouco abundante, mas fria e dum sabor pouco pronunciado, aqui há mais que água doce. Cheiro, nenhum. É possível que a mistura de água doce que ali deve afluir, em consequência da impregnação daquelas terras em bacia pela água da chuva a tenha alterado e que no estio alguma coisa se caracterize mais (335).

Debalde procurei vestígios de construções. Viam-se apenas alguns vestígios de cacos e de telhas, mas não muitos. Um cantoneiro disse-me depois que ali já tinha havido banhos. Parece mera tradição. A uns 100 passos da nascente há uma cavidade em forma côncava, ainda com sinais da água da chuva que ali tinha cheio e se havia evaporado, difícil de explicar. É sobre forma oblonga, e o diâmetro maior não excederá 25 passos. Cons-


(334) Esta pedra foi adquirida posteriormente por Martins Sarmiento e encontra-se exposta no Museu Martins Sarmiento. (Catálogo de Epigrafia, 3.ª edição, pág. 173).

(335) Ainda hoje esta água continua a brotar na chã.

trução de onde houvessem arrancado as pedras? Todo o sítio é duma mu-  
dez fúnebre.

Tornámos para o morro do Castelo: mas por mais que me matasse a  
procurar o plano da fortificação não a entendi. Apenas do lado do poente  
até ao meio-dia há um talude, onde se adivinha uma muralha; mas a posi-  
ção era atacável por quase todos os lados: a posição.....  
no alto o monte estende-se em planície. Vestígios de construções não vi  
 nenhuns. Apenas de quando em quando um montão de pedras, que toda-  
via podia ser obra de roçadores, que têm o costume de limpar o seu ter-  
reno, fazia suspeitar que ali poderia ter havido uma casa.

Os famosos quartos e meias rasas, abertos em penedos, e onde eu ima-  
ginara encontrar alguma coisa semelhante aos «lagos» de Panóias reduziram-se  
a cortes que faziam lembrar mais as «cadeiras de vigia» do Carmona, que  
outra coisa. Mas é de notar que no alto do morro do castelo houve um anti-  
go telégrafo, e muita telha que por lá vi é de certo moderna, da casa do  
telegrafista.

Fragmentos de telha romana, e diferentes cacos são abundantes.  
Encontra-se barro de diferentes qualidades, algum já fino e com enverni-  
zado vermelho, mas diferente do Sâmio. Num destes fragmentos vê-se que  
é vermelho só na superfície porque o interior é escuro. A cor muito viva.  
Numa asa como as de Sabroso (e Citânia) mas com ornamentos riscais  
muito perfeitos:  Dois fragmentos de barro tinham ainda  
um bocado de ara me de ferro, que passava a pasta, e talvez  
formasse asa. En contrei também um fragmento de bronze,  
mas inclassificável. Podia ser duma fíbula de arco, vista a curva, mas mais  
grossa que as de Sabroso.

O Ferreira tinha falado de uma mina, onde havia uma entrada de arco  
feita de pedras pequenas, e que a garotagem havia entulhado. A mulher  
ignorava o sítio; mas eu creio poder afirmar que é para o sul-poente, e na  
direcção do campo alagadiço, de que já falei. Por perto nasce muita água.  
Um grande monte de pedregulho numa depressão de terra que vi no sítio,  
que indico, fez-me crer que era a entrada da tal mina, onde já andaram  
os devotos de S. Cipriano, quando o ferrador era rapaz, não sabendo afir-  
mar senão que eles revolveram muita terra.

Não obstante a pobreza que mostra hoje esta ruína, o monte de Ver-  
moim tem uma fama de uma riqueza por aí além. Lá para o fundo do monte,  
a sudeste, uma mulher achou numa poça uma «relha de arado» de ouro  
— um tal numa mina um «pente com três pedras preciosas». Um outro,

notícia do cantoneiro, e dum outro rapazola, que encontrámos já na estrada, e à volta por Gavim (onde a estalagem do Dinis, o antigo meu hospedeiro de Mugege) achou um bocado de ouro que vendeu para Vila Nova, por 2000 rs. outro achou e vendeu para a mesma Vila um pedaço de cobre, pesado, cuja forma o rapaz não soube determinar bem (machado); ficou de saber se ainda existiria.

Ao fim de pouco tempo a nossa exploração estava feita. Jantámos era 1,30 horas. Descobria-se a excelente ribeira que de Ronfe se estende até Requião, compreendendo um sem-número de freguesias. Viã-se Seide, e uma mulher mostrou-me a casa do Camilo, o sítio do Paço de Ninães: não longe de Seide e na planície. A ribeira é terminada pelo nascente-poente pelo Monte de Santa Tecla, (onde há que ver me disseram (o cantoneiro) mormente num penedo sito na *devesa escura*), e num plano mais distante pelo «Monte Córdova» que pega com o monte onde fica a Citânia de Paços de Ferreira. Mas ambos os montes acompanham a pouco mais de um terço o primeiro, numa metade o segundo, e conforme a perspectiva de Vermoim a extensa ribeira. Guimarães vê-se distintamente; mas mais elevada em relação ao nível da ribeira.

Um monte que ficava a norte do Castelo e a pouco mais de 2 tiros de espingarda, para o qual não era forçoso subir, chamara-me a atenção. A mulher, porém, declarara que ali nada havia que ver.

No entanto teimei em ir vê-lo, dispensando o serviço da mulher, que se foi embora.

*Alto das Eiras.* — Disseram-me depois que o monte se chamava «Alto das Eiras» (Comp. Eira dos Mouros). Fiem-se em cicrones que viram um sítio em escavação! Logo que começou a elevar-se gradualmente o terreno para o cabeço do monte, fragmentos de telha romana, e em algumas partes restos de paredes, começaram a aparecer em extraordinária abundância.

Aqui e ali tabuleiros socalcados (socalco só excepcionalmente aparente). Chegando à coroa do monte distingui perfeitamente um círculo de talude, onde visivelmente se esconde ainda a muralha. Toda a área está demarcada com muros dum único proprietário (Ferreira dos lados de Landim, parece), de quem talvez fosse possível obter que pusesse a muralha à vista, porque assim o terreno lhe ficava fechado. Salvo o erro a povoação de Vermoim era ali. É possível que o sítio do Castelo fosse uma primeira estação: mas o «Alto das Eiras» foi importante, e a clareza dos seus vestígios torna crível a minha suposição.

O vento poveiro que fazia não me deixou examinar tudo com atenção. Conto voltar lá.

Vi uma novidade em rochedo. Um deles está cortado neste sentido. É impossível saber para quê. Outro tem pequenos degraus, caprichosamente feitos, sem facilitar a subida, porque se encontram na mesma linha, e alguns são mesmo um pouco diferentes.



Um marco geodésico que havia no cume do monte caiu esbandalhado pela chuva e pelo vento. A cordilheira de Joane e Vermoim corre paralela a outra, cujo nome o Costa não sabia, mas que começa pelo topo norte no «Monte Redondo», onde decididamente há o que quer que seja, segundo se pode perceber à distância de uma légua, talvez. Entre as duas cordilheiras corre uma ribeira, que decerto se chamava Vale, porque mais de uma freguesia tem o título de Vale <sup>(336)</sup>. Por entre uma «degolada» entre o Monte Redondo e outro à direita descobre-se Braga, e à mesma curta distância que Guimarães que também se avista bem. Todos aqueles sítios são dignos de uma exploração em forma.

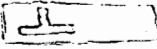
Descemos do «Alto das Eiras» na direcção da aldeia de Vermoim, para virmos sair à estrada. Vínhamos do circuito pela vertente do monte de Vermoim, no arco de norte-sul. Na encosta apareciam sempre fragmentos de cacos.

A meia encosta o Costa viu uma escavação ao pé dum rego de água e chamou-me. Ao pé do rego, e talvez não a muita distância da nascente de água havia uns restos de construção cónica, igual à do «Forno dos Mouros da Saia». Dentro havia uma escavação profunda, e no meio do desentulho ainda um cesto de terra quase novo, com uma corda dentro e coberto pela terra, de que o cesto estava cheio, mostrando que os escavadores ou deixaram o trabalho precipitadamente ou contavam voltar. Pelo estado bolorento da corda, pode calcular-se que a escavação tinha sido feita há ca. 4 dias.

A escavação tinha talvez 3 metros de profundidade, e havia no fundo algumas pedras grossas, que os escavadores à certa contavam extrair. Não se via porém se a parede da casa cónica chegava até ao nível da escavação, ou se lhe ficava superior. É certo que as pedras soltas no fundo

---

<sup>(336)</sup> S. Martinho do Vale e S. Cosme do Vale, ambas do concelho de V. N. de Famalicão.

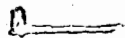
denotavam que a construção descia. Duas das pedras extraídas denotavam terem sido requemadas pela acção do fogo. Uma delas tinha uma cavidade:  do coução? Segundo parece esta fonte chamava-se «Fonte do Rei»; o nome é célebre, porque indicando nós já na estrada o «Alto das Eiras», por lhe sabermos o nome, o primeiro nome que nos deram foi o «Monte da Fonte do Rei!» Para mim a casa cónica é um edifício idêntico ao da Saia e de Sabroso, e a mania de se encontrar em Vermoim os tesouros nos poços e minas, como as notícias dos «tombos» dos livros de S. Cipriano, que mencionam muitas vezes tesouros em fontes, chamou-me a atenção para os presentes que os celtas (sejam pré-celtas) faziam aos deuses das águas, lançando neles as suas oferendas — ideia que é bom não perder de vista <sup>(337)</sup>.

O rego da água acusava muita cacaria.

*d'Antas.* — Perguntando ao ferrador se sabia o que eram antas, ele mencionou um lugar chamado *d'Antas*, que deve ficar entre Gavim e a ponte de Brito e a que pelos modos pertence um penedo apoiado noutro, e que se não fosse uma mesa duma grossura enorme, poderia ser um dólmen, como outros que já vi desenhados. É sem dúvida a ele que se refere o ferrador e o Costa, contando que o dono permitira a um tal quebrar o penedo, mas que lhe retirara a licença quando lhe disseram que ele tinha certos sinais. E de facto, um penedo à beira do suspeito dólmen foi atacado pelos montantes e abandonado. Quando for a Santa Tecla examinarei isto.

O José Leite de Vasconcelos <sup>(338)</sup>, de Arouca, estudando no Porto (Rua de S. Victor, n.º 25), disse-me que muito perto do Porto, em Gondomar, há vestígios notáveis duma povoação antiga, que ele iria visitar <sup>(339)</sup>. Mandou-me o desenho de uma vasilha, achada perto de Amarante, que é singular, porque tem a seguinte marca:

A marca é no fundo. Não é em relevo mas o gravado não mostra arestas, como deveria mostrar se aberta em barro fresco.



<sup>(337)</sup> Refere-se Martins Sarmiento, nestes apontamentos, aos restos de um edifício, possivelmente no género do existente na Citânia de Briteiros, que as novas descobertas e estudo de monumentos congêneres, demonstraram serem balneários para banhos de vapor.

<sup>(338)</sup> Mais tarde, o sábio Professor Dr. José Leite de Vasconcelos, (1858-1941) fundador do Museu Etnológico e Arqueológico de Lisboa.

<sup>(339)</sup> Monte Crasto. Inventariado com o n.º 426 no C.C.N.P.

A boca da vasilha é como algumas da Citânia com uma só asa. Que a vasilha é autêntica é claro: a marca?



O feitio mas

*Fortes à vista de Vermoim* — Antes de chegar a Joane, e olhando para o monte de Vermoim vê-se 1.º o «Cotoito» (Castelo) de Vermoim; em seguida um outro morro — 2.º «Penedo Furcado»; 3.º Alto das Eiras. Além do Penedo Furcado ainda há o «Penedo Branco». Já adiante de Joane e olhando para norte vê-se um outeiro redondo «suspeito» chamado «Monte dos Cinco Carvalhos».

*Cipião* — O José de Freitas disse-me hoje que possuía um Cipião (grande bronze) que lhe dera seu tio de Joane, aparecido por ali perto. Perguntei-lhe e pedi-lhe para precisar o sítio do achado.

(N. B. O nome das ruínas de Bagunte é — diz ele — «Cividade» (340).

O Costa tinha-me dado uma pedra oblonga, perfeitamente polida, veuada de cor sobre o vermelho-roxo, que um preto, criado dum brasileiro encontrara em Vermoim, no monte, mas sem precisar onde.

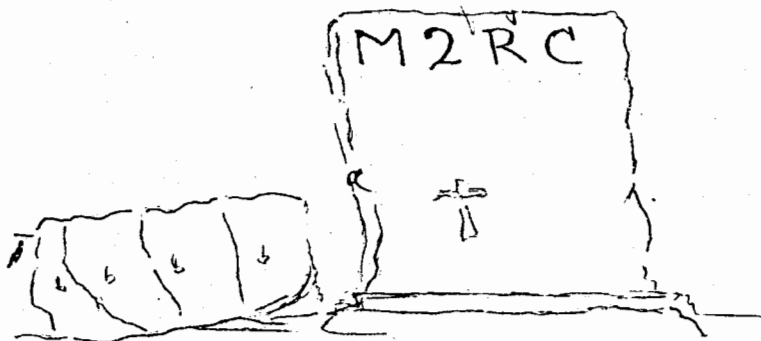
(Maio 7) *Vale de Anta* (341) — Vale d'Anta fica a um quarto de légua para lá de Brito (Ponte de). À beira da estrada, à direita, fica num pequeno outeiro um penedo quadrangular que assenta em três suportes, formados de pequenos penedos «in situ?», tendo ao pé, e para norte um outro grande penedo, metade do qual já foi rachado com tiro. A metade que se desprende lá está ainda traçada em 5 ou 6 padieiras de boa grossura. Conta-se que o dono do penedo retirou e caçou a ordem que dera para ser o penedo reduzido a cascalho, logo que lhe disseram ter alguns sinais. O grupo dos penedos já tinha atraído a atenção do José Leite (estudante), e a mim também. É realmente uma anta? É bem possível que tivesse este nome: mas a coisa pareceu-me natural aproveitada talvez para enterramentos. O que faz supor que realmente servisse de anta é o nome mesmo do sítio, bem que o penedo se chama o «Penedo da Lomba». Vale d'Anta fica logo a nascente, pegando com a falda da Lomba. Debalde espreitei o vale que está todo a tojo. Uns roçadores, que trabalhavam perto do penedo, acres-

(340) Cividade de Bagunte. Inventariada com o n.º 330 no C.C.N.P.

(341) Os capítulos referentes a Vale de Anta e Monte de Santa Tecla, foram já publicados pelo Abade de Tagilde, na Revista de Guimarães, Vol. XVIII.

centaram que o dono do penedo (anta), Machado, sabia o que quer que seja a respeito de um enterramento sob o penedo. É isso o que eu percebi e convém tirar a limpo. A nascente do vale, num pequeno outeiro que o termina, disseram também os homens ser tradição que ali tinham habitado mouros. No dito outeiro encontrei um ou outro caco, mas o sítio era pouco defensável.

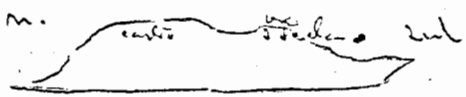
Espreitando os sinais dos penedos comecei pelo pseudo (?) dólmen. Não lhe vi sinais nenhuns. No penedo próximo, e que dizem meio partido, há mais que sinais, porque há letras. Estão na face que volta para norte e quase na borda superior do penedo, sendo preciso uma escada para as gravar, como a mim me foi precisa para verificar se a leitura que eu fazia de baixo era exacta. Era. As letras são:



a) lado por onde rachou o penedo. HHHH) parte do penedo, que tom-  
bou, depois de partido. Debalde procurei nesta parte algumas letras  
mais. A cruz é mais recente. As letras estão em parte cobertas de musgo,  
mas o C final é um pouco rebrincado (?) no gancho superior. M(arco)? 2  
(dois = segundo) R C (= Real Colegiada?) Perguntarei no Cabido se me  
podem dar notícia de tais marcos. As letras são de mais de palmo e profun-  
damente gravadas. Que o penedo servisse de marco há a favor desta  
hipótese o dizer um dos roçadores que este penedo e o dólmen (se o é),  
apesar de separados por um metro ou dois, pertenciam a diferentes donos.

O Castro. Monte de Santa Tecla <sup>(342)</sup> — O monte do Castro e o de Santa Tecla estão apenas separados por uma pequena garganta.

Numa e noutra parte há vestígios de muralhas; no Santa Tecla apenas visíveis pelo seu talude na parte que olha para o Castro (norte) e no Castro em toda a coroa do Monte. Aqui o talude é muito pronunciado, e em algumas partes, para o sul por exemplo, a pedraria da muralha demolida vê-se ainda a nu. Neste lanço encontrei um fragmento de chapa de bronze. O Castro tem, pouco mais ou menos, as dimensões do alto da Eira; mas os fragmentos cerâmicos são mui poucos e nem sequer vi vestígios de telha. No Santa Tecla abundam estes vestígios e os cacos são mais abundantes. Aqui parece haver também mais vivas tradições de mouros. A igreja, segundo já ouvi, era *dos mouros*, e alguns procuradores de dinheiro têm vindo aqui escavar, enquanto que do Castro nada se diz. No Santa Tecla pareceu-me ver vestígios de construção, mormente do lado do nascente. No Castro não, salvo que algum pedregulho se torna suspeito. O terreno é bom para mato e está todo repartido por quinhoeiros. Pertence à freguesia de *Oliveira*. Não encontrei as pedras em forma de telha de que me falou o Costa. Creio que ele se refere a algumas que têm um sulco, devido à acção das águas. Encontrei, porém, a veia (não grande) de? que faz lembrar betume requeimado, ou uma massa composta de pó de lousa, amassado e seco ao lume. A veia, porém, pequena, é natural. Debalde espreitei os penedos. Não lhes vi sinal nenhum.



No Santa Tecla examinei um fenómeno — que explica a *formação de certas gamelas* em penedos, que podem tomar uma forma, que às vezes custa a explicar. Há lá já uma gamela notável, que estava cheia de água. O vento estava fortíssimo. Ah! bem, a água andava sempre num redemoinho. Vê-se bem que neste movimento o desgaste da parede se pode fazer mais facilmente na parte oposta à corrente dos ventos dominantes, porque o redemoinho às vezes toma o movimento de vaivém.

Fui ao sítio que o cantoneiro de Joane chamava *Deveza escura*, onde havia um penedo notável, etc. Nada vi de notável. Percorri mesmo um pinhal cheio de penedos, que talvez seja representante da *Deveza*. Nada vi.

(342) Castro de St.<sup>a</sup> Tecla. Inventariado com o n.º 259 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de St.<sup>a</sup> Maria de Oliveira, concelho de V. N. de Famalicão.

Tornei para Guimarães pela ponte de Serves, que é o caminho mais direito para o Castro. A meio caminho da ponte para Guimarães, à esquerda fica o «Monte da Santa» (não longe da Portela). Apareceu ali uma santa, disse-me uma mulher; outra, uma «água». De mouros ali nada se dizia: mas sim para Nevogilde nos Sumes (343).

Segundo o roçador de Vale de Anta, na margem esquerda do Ave, e talvez mais a sul do Castro, de Oliveira, há um outro Castro. A «Ponte de Serves» (344) fica na freguesia de «Gondar».

Dr. Filipe de Araújo e Azevedo, administrador da Companhia de Esposende — peço-lhe informações, com carta do Visconde de Pindela.

*Monte de S. Domingos (Lousada)* (345) — O Peixoto tinha-me já falado deste monte, dizendo-me que ali se encontravam vários fragmentos de barro. Fomos passar 2 dias à casa do Peixoto e tive ocasião de ver o monte. Fica a pouca distância da Vila de Lousada, para poente, e vira sobre o vale e a estrada que de Vizela corre para Penafiel, e sobranceiro à casa do Peixoto, antiga, a Ribeira.

Não tem dúvida que foi uma valente fortificação, principalmente para o lado da Ribeira. São ainda muito visíveis para todos os lados os taludes de mais que uma muralha, em parte 3, sendo mais que certo que as muralhas ainda existem. Vêm-se fragmentos de telha romana, e o mais curioso fragmento foi de um fundo de louça vermelha, com uns restos de verniz. A lousa também ali era vulgar, como se vê de muitos fragmentos. A pedra é muito miúda e quase toda de formação xistosa.

A tradição dá para ali uma mina, por onde os cavalos iam beber a um ribeiro, que se vê em baixo — o Lamarim, se não erro. Apareceu um grande pedaço de ouro *in illo tempore*. Pias de pedra é certo. E nada mais se conta.

Para um dos lados do monte, entre ele e a casa da Costilha, que fica perto, houve um lugar chamado «Burgo». Foi, decerto, por ali que se estendeu a povoação, quando largou o alto.

O nome de S. Domingos veio-lhe — diz-se, duma capela deste santo, que existiu no topo do monte, mas de que hoje só restam vestígios em

(343) Lugar da freguesia de Gondar, concelho de Guimarães.

(344) Esta antiquíssima ponte sofreu há anos lamentáveis obras de modernização que a desfiguraram completamente.

(345) Monte de S. Domingos, Lousada. Inventariado com o n.º 357 no C.C.N.P.

alguma telha. Mas o nome da freguesia — Santo André de *Cristelos*, conserva inegavelmente o nome velho da coisa. A igreja fica a norte e perto do monte, ainda no planalto, se bem que a um nível inferior à coroa de *Cristelos*. A igreja é hoje relativamente moderna, mas até perto dela encontram-se sempre fragmentos de louça e lousa. Algumas lousas têm inscrições. Uma perto da igreja: «Do reverendo abade para sua devoção». Outra, a mais distante, é indecifrável:

AN C 132 P 1°

Falaram-me ali de vários outros fortes. 1.º Calvelos (chá no monte de Barrosas, onde houve telégrafo). Diz o Peixoto que se vê um grande circuito de muralhas; mas o monte não tem patamares. 2.º Eira dos Mouros. É acima da igreja da Aparecida (a igreja não tem nenhuma legenda interessante) <sup>(346)</sup>. 3.º S. Tiago (monte) freguesia de Nevogilde. Aí disseram uns poucos que havia curiosidades notáveis, sem especificar nada. 4.º Meinedo. Para ambos os últimos, o melhor caminho é a estrada de Vizela, Barrosas.

*Santa Águeda* — Em Barrosas há a igreja de Santa Águeda, que me dizem ser notável, por causa de uma estátua, S. Jorge <sup>(347)</sup>.

*Igreja de Unhão* — À volta para Guimarães parámos em Unhão para ver a igreja. A frente é muito antiga, mas faz admirar pelo bem conservada <sup>(348)</sup>. A porta de entrada é arrancada e o arco *tendente* a ogival, como a de S. Miguel <sup>(349)</sup>. O tímpano é composto duma cruz de Malta

<sup>(346)</sup> Bacelo. Inventariado com o n.º 359 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Torno, concelho de Lousada, donde dista 3 km.

<sup>(347)</sup> St.ª Águeda. Inventariado com o n.º 356 no C.C.N.P. Na capela de S. Cristóvão, freguesia de Lousada, venera-se a imagem de St.ª Águeda cuja romaria, muito concorrida, se realiza anualmente de 2 a 5 de Fevereiro.

No fastígio da frontaria da capela encontra-se a estátua equestre de S. Jorge, trabalho escultórico algo rude e de sabor popular.

<sup>(348)</sup> Pelo Decreto-Lei n.º 37728 de 5-1-1950, foram alguns elementos arquitectónicos da igreja de Unhão classificados de interesse público. São eles: a fachada com o pórtico de arquivoltas sobre colunas de capitéis moldurados, mais a janela que o encima, e a inscrição alusiva à fundação da igreja, existente no silhar de cantaria da fachada lateral direita. A freguesia de Unhão pertence ao concelho de Felgueiras, donde dista 7 km.

<sup>(349)</sup> S. Miguel do Castelo, Guimarães.

vazada, pouco mais ou menos: o tímpano são em relevo, e se zem-nos lembrar (350). Do cu da frente) para a porta travessa



Os arabescos que ornarnão são entrelaçados, fanhal da direita (contando há a seguinte inscrição:

ERA MCC·III· DD EATA  
 FVITE CE<sup>o</sup> SIAIRA· PMANS  
 (· ARCS EPISCOPI IOHANNIS BR<sup>b</sup> KENSIS  
 VRENS FBRIIINIVDLO· O2· SISALD S

- a) Na cópia falta este E, mas sem dúvida por lapso meu.  
 b) Sem dúvida um B, mas o traço horizontal superior mostra a falta da parte superior da letra, escondida sob a cal da junta da pedra. Os pontos são pequenos círculos (351).

O arco cruzeiro estava escondido debaixo duma sanefa de madeira; mas disse a mulher que nos deu as chaves que não tinha labores nenhuns. Da parte posterior não há fresta. Parte da igreja, a posterior, é talvez moderna. O arco cruzeiro é alto. No entanto, a cornija é sustentada com cachorros variados, mas pouco interessantes, parecendo todavia que a cachorrada falta na capela-mór.

*Inscrição em S. Torcato* — A propósito vem a menção duma inscrição, aparecida há pouco em S. Torcato. É em caracteres góticos, em relevo, em pedra de Ançã.

ERA·MCCC<sup>X</sup>·III·DII·X·KIVNI·OB·  
 BOV·PELAQV·IOANNIS·POB·  
 SANCTI TORCATI·UV ANIMA  
 IN POCE·REO·ESCAT·AMEN·

(350) É a cordagem entrelaçada sem princípio nem fim, simbolizando a caridade.  
 (351) Certamente, por lapso, faltam duas letras na inscrição reproduzida por Sarmento.

No final da segunda linha entre N e S falta a letra V. Na terceira linha antes de EPISC.... a letra I.

Observações: O X da era é X podendo entender-se XX? A abreviatura de Kalendas é o L com braço do K, L. Em R D V, o último carácter V, como no fim de Pelagius é abreviatura de I V S. O R de, roius, tem o arco inferior obscuro, mas é decerto R. D de modo nenhum. P U B, muito distinto; vi o decalque desta palavra. Em U V, a primeira abreviatura é C V, a 2.ª J V S. A A A nem pouco mais ou menos, só por palpite se lê *anima*. POCE por PACE, lapso do lapicida decerto. EM REQESCAT há um apêndice inferior no O, mas um pouco separado, que o torna decerto em q. Logo reqescat.

Eu traduzi: Era de 1323, dia (dii) 10 das kalendas de Junho morreu Rodrigo Pelágio Johanis (J. de João), poblator (= natural, v. Viterbo) de S. Torcato, cuja alma descansa em paz. Amen.

O Mendes Simões e Aires de Campos querem que ROV seja Dominus; POB, Prior, ou reitor. Em DII. X, lêem D. II e interpretam «dia 17 ou 27» não sei por que bulas (352).

*Peniche, Mugem* — O Monteiro, que vem ligar as plantas da Citânia e Sabroso, conta-me que as explorações feitas nas cavernas de Cascais têm dado óptimos resultados; na península de Peniche excelentes. A gruta da Cesareda, já explorada pelo Delgado (353), foi-o agora mais a valer e produziu muito. Muito notável é um cabeça em Mugem (entre Almeirim e Salvaterra, parece). O cabeça é formado de conchas que evidentemente foram trazidas de longe, e tem uma espessura tal, que apesar de se ter revolvido o montão na altura de alguns metros, ainda se não chegou ao solo virgem. É sem dúvida um «Kjoekken-moedding». O notável é que além de aparecerem entre as conchas instrumentos e armas de pedra, ao que parece grosseiras, apareceram também esqueletos humanos, em abundância, que ali foram depositados, mas sem caixa alguma de pedra. Apareceram também ossos de animais. A colheita de crânios, armas de pedra, fósseis, etc. é muitíssimo abundante.

(352) Esta lápide encontra-se exposta no Museu Martins Sarmento. (Catálogo de Epigrafia, 3.ª Edição, pág. 117).

A leitura e interpretação de Mário Cardozo, insertas no referido catálogo, diferem das de Martins Sarmento. Mário Cardozo interpreta «Na era de 1343, no 17.º (dia antes das) kalendas de Junho (= 16 de Março de 1305), faleceu D. Paio João, prior de S. Torcato, cuja alma em paz descanse. Assim seja.»

(353) Joaquim Nery Delgado (1835-1908). Notável geólogo português autor da «Carta Geológica de Portugal».

*Digressão a Basto (30, 31 de Maio de 1880)* — O Padre Manuel de Ribas tinha-se prontificado para me acompanhar à Cividade, cujas ruínas ele me noticiara, há tempos, sendo meu cicerone.

Às 6 horas da manhã do dia 30 (segunda-feira) estávamos a caminho. De Fafe para cima e a começar na povoação da Pica, freguesia de S. Gens (latim: Genesius, segundo o Padre Manuel), sobe-se até ao monte da Lameira. O nome justifica a coisa. O monte é abundantíssimo de águas. No largo planalto não faltam pauis e lameiros. Ali tudo vem muito tarde. Cultiva-se pouco centeio, e milho «pandilha», também usado em Barroso e que é de palha curta e vem depressa. Dobrando a Lameira, começa a ver-se Basto lá ao fundo, com os seus inúmeros outeiros, de pouca vegetação e ar um pouco estéril <sup>(354)</sup>. Todo o terreno é grandemente acidentado; os campos quase todos em socalcos subindo as encostas. Dirigimo-nos a Refojos. Daí tínhamos de ir a pé até à Cividade que fica a nordeste e a 3/4 de hora de caminho. Dirigimo-nos ao «mosteiro» <sup>(355)</sup> quando o Padre me mostrou à direita, perto da ponte, a figura do Basto <sup>(356)</sup>.

Foi uma verdadeira surpresa. A figura do Basto é uma *estátua calaica!*

O escudo tem 0,47 de diâmetro; é um quase nada cavo e o perfil mostra, quer dizer, tem uma pequena reentrância na orla. No centro, o botão é também em relevo, que faz lembrar as roscas que os nossos padeiros dão por consoada. A cabeça é postiça e descomunal. Os braços estão um pouco danificados e quase todos rebocados com cal para dar-lhe maior grossura, que decerto o tempo lhe comeu. Tem pernas e de balde examinei se também eram postiças. Tudo diz que não. Os pés assentam numa peanha pequena que talvez encaixava no monumento sepulcral. As pernas grossas, os pés mais que grossos fazendo gradualmente



(354) A paisagem está actualmente muito diferente da descrita por Martins Sarmento. A intensa florestação incrementada nos últimos decénios alterou profundamente o aspecto paisagístico da região.

(355) O mosteiro de S. Miguel de Refojos de Basto foi fundado por Hermigio Fafes e Gomes Soeiro, no séc. XII, e nele se instalou a ordem beneditina. No séc. XVII foi reconstruído ficando com o aspecto que actualmente se pode admirar. A talha que reveste o interior é do séc. XVIII.

(356) A estátua do Basto, depois de em 1892, ter sido transferida para o largo da vila onde permaneceu alguns anos, regressou ao seu antigo local, junto à ponte, e está agora mais desafogada.

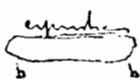
a separação que já começa abaixo do saio. Como tem as costas embutidas na parede, é impossível ver-lhe a cinta e a fíbula das costas (357). A estátua é um pouco menos corpulenta que a de Santo Ovídio. Como os braços estão no estado que disse, é impossível saber se tem manilha (358). Não lhe vi sinal de inscrição antiga. Tem uma relativamente moderna.

No peito: PONTE  
D. S. MIGEL  
D REEOS

já no escudo, por cima do botão: 1612

por baixo: D BASTO

Esta estátua sempre esteve ali, que é perto da pequena ponte. Os de Celorico, que se dão por mais antigos, levaram-lhe a «cabeça» uma noite, por quererem ser cabeça, já se vê, dos Bastos, mas os de Cabeceiras tornaram a adquiri-la, não se diz por que meios. Suspeitei algumas ruínas ali perto. De facto há para poente e muito perto um outeiro chamado «Vinha dos Mouros», sem tradições nem vestígios, segundo inferi. Não tive tempo de a ver. Mas a procedência do herói é dali.

*Cividade* — A Cividade (359) ficou muito abaixo da minha expectativa. No entanto, tem alguma coisa de original. A muralha pelo lado do poente corre pela espinha do monte, e o espaço circuitado deve ter, pouco mais ou menos, esta forma  A parte b, b, desce pela terreno é sempre ladeiranez tal que mal pode neles caber uma casa. No entanto, a telha romana é extremamente abundante. As casas deviam ser encostadas aos muros de suporte, às vezes naturais. Aqui e ali há uns restos de alicerces que se diriam de casas circulares; mas a coisa não é extremamente clara.

A mina de que falara o padre e que do interior do recinto teria saído para o norte fica por baixo de um penedo de corte oblíquo; mas está cheia

(357) O cinturão tem três nervuras paralelas e a placa circular está ornamentada com um triscele.

(358) Tem realmente manilhas.

(359) Cividade de Chacim. Inventariada com o n.º 309 no C.C.N.P.

de pedras. A saída do norte não foi encontrada. Não foi encontrado também o penedo, onde ele disse que estavam restos de um grosso varão de ferro.

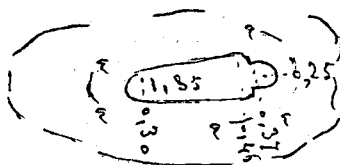
Sinais de penedos não vi nenhum, nem mesmo *covinhas*. Mas vi que num penedo quase na crista, há 3 séries de cavidades subindo pela ladeira do penedo, do poente para nascente, por onde se sobe comodamente provando que eram elas destinadas a facilitar a subida.

Não vi restos de ânforas, nem fragmentos alguns cerâmicos notáveis.

Alguns lanços de muralha têm os costumados 8 palmos de largura; a exterior e norte-sul é de aparelho grande, rude, e um pouco ciclópico; outros lanços mais interiores são de aparelho mais miúdo. Pode porém dizer-se que a muralha é uma só; o dédalo das outras são mais espécie de fortins nos tabuleiros que outra coisa. O recinto, além de irregularíssimo, como fiz ver, é limitado; não mirava a guarda de animais.

*Monte das Campas dos Mouros* (360) — Fica para nordeste da Cidade, mas a distância bastante para cremos que não tem com ela a mínima relação. Existe hoje apenas uma campá, aberta num penedo da forma e dimensão seguintes:

pés era de 0,30; para pultura era coberta de granito que assen-  
vendo-se ainda hoje  
las letras o limite do



A profundidade para os a cabeceira 0,37. A sec-  
com um grande lascão  
tava sobre a, a, a, a,  
nas linhas indicadas pe-  
trabalho que aplanou a

pedra para assentar o lascão, que pela parte superior era de certo plano, e por cima tosco e imitando uma porção do mesmo penedo, naturalmente sobreposto a ele.

Porque, batendo-lhe o lascão dava um som oco, levantaram-no, e segundo um sujeito de Refojos, encontraram dentro um esqueleto.

A outra campá, supõe o Pe. Manuel que foi demolida. Não era aberta em rocha (facto digno de nota), mas composta de pequenas pedras metidas de cutelo, e parecia de criança. Mostrou-me um sítio revolido, onde supõe que ela ficaria, e que não dista da outra mais que alguns passos. O Monte das Campas fica perto de um pequeno lugar chamado «Cambeses», e é curioso que antes da aparição das campas em questão, este sítio do monte

(360) Monte da Campa dos Mouros, Cambeses. Inventariado com o n.º 308 no C.C.N.P.

já se chamava «Monte das Campas dos Mouros» — o que prova que ali eram elas abundantes (vide infra). O sítio das Campas fica logo em baixo do cume do outeiro pequeno, onde não há sinais de nada, que só é escarpado dos campos para baixo, na direcção de sudoeste. Não houve tempo de fazer mais investigações, nem pessoa do sítio que nos esclarecesse.

*St.ª Senhorinha* — À volta de Refojos para o Arco (361), onde ficámos, fomos ver a igreja de St.ª Senhorinha, onde, segundo as minhas recordações, havia uma inscrição romana, que o Hübner traz. Debalde a procurei. A criada do abade diz que nenhuma letra lá existem. A igreja nada tem de notável, nem mesmo de antiguidade arquitectural.

*Eira dos Condes* — No dia seguinte fomos ver a Eira dos Condes, sendo tenção minha retirar em seguida para Fafe, para ver a Senhora de Antime, visto acreditar que não tínhamos mais que fazer em Basto. A «Eira dos Condes» fica logo acima da igreja de Pedraça (362). Antes de lá chegar vi alguns fragmentos de tijolo romano, e um pedaço de uma mó de moinho.

A Eira dos Condes não é bem o que eu idealizara, porque as pedras não estão metidas de cutelo e singelas, como, em vista das minhas perguntas me fez crer o Padre Manuel. É uma elipse de 51 passos (meus), no diâmetro grande, 37 no pequeno. Houve em volta uma parede de duas folhas, a interior de aparelho, mais pequeno, segundo se vê aqui e ali; mas o muro devia ter uma certa elevação, podendo o que se vê actualmente ser considerado como alicerce dele. Cromlech? Não me parece. A tradição, contada pelo Padre de que ali corria os cavalos (picadeiro) D. Nuno Álvares Pereira era desconhecida pelo proprietário, que o Padre chamou e que veio dar algumas picadelas num sítio que nos pareceu suspeito. Fico ignorando a serventia da coisa. O eixo grande da elipse corre de sul a norte, um pouco nordeste.

De pergunta em pergunta fomos recolhendo o seguinte:

*Sepultura de tijolo* — O proprietário disse-nos que logo nos campos próximos apareciam muitos tijolos, quando se lavrava, e que num campo,

(361) Arco de Baúlhe. Freguesia do concelho de Cabeceiras de Basto donde dista 5 km.

(362) Freguesia do concelho de Cabeceiras de Basto, donde dista 7 km.

um tal tinha descoberto um cano de tijolo num sítio que ele podia mostrar. Chegou-se ao sítio e chamou-se o que o tinha visto, que era um rapaz mestre-escola, que não tardou a vir. Pela sua indicação era um túmulo composto de telha de rebordo, alguma marcada. O túmulo lá ficou enterrado e está quase completo. Os campos chamam-se «Abas das Torres», e a quinta «Quinta da Torre». Nos campos não faltam fragmentos de barro, telha, e encontrei mesmo um pedaço de vidro antigo verde.

Notícias de povoação antiga no monte, nada. Mas o proprietário, «morgado» da casa da Torre, tinha-nos dito, que mais para o alto o mestre-escola (morgado, como o é todo o proprietário em Basto, <sup>(363)</sup> tinha achado uma panela. O mestre-escola confirmou, e depois de algumas perguntas vi que a «panela» tinha sido achada num túmulo — mamoa. Fomos ver o sítio, e entretanto fui explicando ao mestre-escola, que me pareceu não saber, o que eram machados de pedra (para ele pedras do raio são, como por aqui, os pedaços de cristal de rocha poligonais e acabando em ponta).

Antes de chegarmos ao sítio da «panela» foi ele mostrando outros «sítios», onde também já tinham andado escavadores, de sorte que dentro em pouco tínhamos visto 7 mamoas, e sabe Deus quantas haverá mais!

Todas elas ficam num plano chamado as *Estarroeirias*. As mamoas não têm nome especial, nem propriamente tradição de mouros — o que é um pouco estranho, sabendo-se que por ali têm andado escavadores à busca de dinheiro. Os túmulos estão quase desfeitos, mas pela acção do tempo, e todos eles mostram no meio uma pequena depressão, devido, a meu ver, a antigas escavações, donde saíram também muitas pedras pequenas, que estão soltas à superfície do solo. Não havia sinal de dólmen. As escavações que tínhamos em 4 das mamoas, e as informações do mestre-escola quanto ao seu achado, deixam dar como certo o seguinte. O interior do túmulo era composto de terra vegetal trazida doutra parte; a camada superficial de terra de monte, que é um saibro branco-amarelo extremamente areento. O montículo parece ter tido pouca elevação, mas o diâmetro é quase sempre o mesmo (um talvez mais pequeno), regulando pelos 27 palmos. A camada de terra vegetal enchia talvez 4 palmos abaixo da superfície do solo, e provavelmente, com a que saía desta larga cova, é que se fazia o *cúmulo*, de modo que a terra ia ocupar o lugar do salão escavado, que era depois amontoado sobre ele. No centro fazia-se a caixa de pedras metidas de

---

(363) Gonçalo Alves Pereira de Carvalho Pena.

cutelo. Num dos túmulos, as guardas laterais eram inteiriças, tendo 3 palmos de alto, e pouco mais de 6 de comprido. A largura das caixas parece ter sido variável. Na maior não excederia os 5 palmos. Pela informação do mestre-escola a caixa devia conter urnas cinerárias. As que ele achou estavam a 2 palmos abaixo da superfície (já gasta pelo tempo) e eram de barro grosseiro, negro, e, segundo entendi, sem ornamentação.

A caixa maior tinha sido profundamente revolvida. Uma das pedras laterais estava completamente deslocada, tanto na forma, como na direcção. Aí apareceu muito carvão e terra requeimada, mesmo uma pedra recozida pelo fogo, o que dá a perceber que o cadáver talvez fosse queimado ali mesmo, e as cinzas aproveitadas depois.

A pedra miúda dá a entender que o túmulo não era unicamente de terra. Capas de caixa tumular não apareceram nenhuma. Provavelmente foram saqueadas. Também fragmentos de barro dentro da escavação, nenhum. Fora algum, e um deles com uma ornamentação: Quase todos os fragmentos são de cor ordinária; alguns pretos.



A orientação da caixa era de poente, nascente.

O mestre-escola, por ter ouvido o que eu disse dos machados de pedra, disse depois que em casa tivera por muito tempo uma pedra que fazia lembrar uma cunha, e que sabia de mais outro na mão de não sei quem. Prometeu de procurar o dele que encontrara pelos campos da Torre, e que deve ser de diorite, porque apesar de lhe chamar preto, depois à vista de um fragmento de xisto verde-escuro que lhe mostrei, ele disse que o seu machado era quase daquela cor.

Um trabalhador disse que num sítio que nos mostrou, não longe, no «Outeiro da Cilha», havia outra sepultura, e um muro na coroa do outeiro. Fomos vê-lo. Antes de lá chegar, passámos um ribeiro de nome insignificante perto do qual rebenta uma fonte de água sulfurosa um quase. A água tinha fama de milagrosa. Havia projecto de fazer ali umas caldas, e começou-se por fazer uma capela, que já estava acabada de pedra (364); mas o dono da água começou a furar à broca o penedo onde ela rebentava para a fazer sumir, por temer os estragos que por ali lhe podiam causar os banhistas do futuro. A mania passou, e nem as caldas se formaram, nem o dono da nascente a pode fazer sumir, pois ela lá corre num borbotão à borda do ribeiro.

(364) E assim permanece, nunca chegando a ser acabada.

*Outeiro da Cilba, Campas* — O outeiro é menos que outeiro. No entanto tem um muro de 3 palmos na coroa e o que faz crer que aquilo é antigo é que um penedo tem 6 ou 7 covinhas. Vêem-se fragmentos de barro. Dentro do recinto aparece de facto uma pequena campá, hoje demolida, e do feitio das pequenas da Citânia, 3½ palmos de comprimento, o muito. O outeiro não podia ser uma fortificação. Atenção com a sua serventia, não é coisa fácil.

*Outeiro de Cantel do Rei* — Um pouco mais acima indicou-nos o trabalhador outra empola de terras, com o nome supra, onde ele disse haver uma sepultura igual, talvez um pouco mais pequena. O tempo ia-se esgotando e não a pude ver.

*Altar do Diabo* — Ali pude ver a curta distância o altar do diabo. Fica num outeiro cheio de rochedos. O altar é formado de rochas naturais, a pique, mas havendo uma lousa um pouco plana, que de certo lhe deu o nome.

Não há ali se não natureza, segundo o trabalhador e o Padre Manuel que já o conheciam.



*Outeiro dos Mouros* <sup>(365)</sup> — Este outeiro, que fomos ver antes de começar a escavação das mamoas, fica à beira da estrada que vai para Cavez e pouco adiante do lugar (sítio) chamado «Inferno». O nome vem-lhe da sua fealdade, diz o Pe. Manuel. É uma quebrada precipitada, e onde se vê acumulados em desordem penedos e penedos, por entre os quais passa uma torrente de água, que se despeña aqui e ali.

O outeiro dos mouros é um pequeníssimo forte, mas a muralha era grossa e a valer. Quase tudo são rochedos e o espaço mais plano e sem eles não tem talvez 20 passos de diâmetro. Aparece aqui e ali algum fragmento de barro. Telha não vi, nem alicerces de casas, se bem que numa ou noutra parte se não pudesse jurar que as não houvesse.

Mas num penedo descobri algumas *covinhas*, e, ao que parece este pequeno forte, destinado só para defesa de gente e não de gados, como a Cividade, parece mais primitivo que esta.

(365) Outeiro dos Mouros. Inventariado com o n.º 312 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Pedraça.

Daí vê-se o Tâmega correr lá longe, e à distância de menos de légua. A vegetação principal do outeiro é o medronheiro, que aqui tem também o nome de ervedeiro. A uma linha dada a nascente de Pedraça, o medronheiro começa a aparecer e daí para a direcção de Trás-os-Montes torna-se a vegetação própria dos montes.

Aqui está o resultado desta excursão. Com tempo e vagar, estou certo que faria uma excelente colheita. Aqui as tradições parecem muito apagadas; mas as antiguidades abundam.

Para lá do Tâmega há um lugar chamado das «Campas», mas ninguém vê uma, me disseram.

Alguns nomes topográficos são curiosos. Na freguesia de «Rio Douro» que na tradição sul-norte, ou quase, se aproxima de Vieira, se não pega já com ela, há os lugares de Busteliberne, Porto de Olho; Travassão, Eiró, Torrinheiras. Porto de Olho fica saliente no alto da vertente, pelo grande agrupamento de casas; o leito da via passa cá em baixo numa quebrada fundíssima.

Noutra direcção — não o pude ver — há o «Nariz do Mundo» que é um penedo enormíssimo, que não me atrevo a descrever, por compreender mal a descrição que dele me fez o Padre.

Às pequenas casas chamam aqui casulos. A terminação em *anca* (mulheranca, paredança) exprime coisa pequena ou desprezível. O vestuário das mulheres tem de notável que o vestido é quase sempre inteiro e o corpo afogado.

*Cova da Moura* — À volta para Guimarães fomos ver a Cova da Moura, que fica à beira da estrada, antes de chegar à Gandarela. É uma caverna artificial aberta em granito mole e parte num estrato de quartzo. É de pequenas dimensões. A entrada figura, pouco mais ou menos isto:



É na encosta dum monte. A exploração no solo da caverna talvez produzisse alguma coisa, mas com dúvida.

*Castro — Mamôas* — Segundo diz o Pe. Manuel perto de Sobreposta, um pouco a nordeste do monte da Penha há um Castro, onde há fragmentos de barro. Não longe, 6 mamôas, havendo algumas perto de Pena Província, descendo para o Carvalho. Estas últimas notícias têm tanta mais importância, que o Padre descreveu-me mamôas, sem conhecer este gé-

nero de monumentos; e falou delas, por lhe ferir a atenção estes outeirinhos sem causa. Lá iremos.

*Castro de Vila Seca* <sup>(366)</sup> — Entre o Mosteiro de Vieira e Cantelães, próximo de um lugar chamado Vila Seca. O monte é elevado e cónico. A coroa é plana, bastante extensa, cercada de muralhas, com vestígios de construções, algumas circulares, fazendo em tudo lembrar a Citânia. Mouras encantadas, estrada subterrânea para um ribeiro que passa a poente do monte.

*Calcedónia (Gerês)* <sup>(367)</sup> — Não é o que se dizia. Vê-se hoje uma área extensa murada, com um grande penedo no centro, sem sinal de construção. A 2 quilómetros a poente há então uma elevação onde aparecem vestígios de construções.

*O Coudel* — Em terras de Bouro há o Coudel, de nomeação popular, cuja obrigação é reunir os que vão fazer a montaria aos lobos, comandando-os e multando os que faltarem à chamada.

*Correr o Montujo* <sup>(368)</sup> — Em Vieira. E na quinta-feira de Ascensão. Depois do sol-posto o povo faz grande berraria, tocando buzinas, dando tiros para afugentar o Montujo. (O mesmo que noutras partes para deitar fora o entrudo) O «Montujo» (de monte)? é todo o animal daninho, incluindo mesmo o tourão

*Portas baixas, Lagoa Stygia* — Em Sobral, lugar da freguesia de Ruivães <sup>(369)</sup>, já na encosta da Cabreira, as casas são todas de colmo; as portas tão baixas (mesmo nas construções modernas) que às vezes é preciso a gente baixar-se para passar por elas; há também uma pequena janela para dar luz; mas tudo fica escuro com esta disposição. É aqui que se colocam 5 ou 10 rs. na tumba, caixão aliás, do cadáver, para o morto pagar a passagem da lagoa Stygia (*sic*). Se apertam com eles para esclarecer o que enten-

<sup>(366)</sup> Castro de Vila Seca. Inventariado com o n.º 254 no C.C.N.P. Fica em Vieira do Minho.

<sup>(367)</sup> Calcedónia, Gerês. Inventariado com o n.º 231 no C.C.N.P.

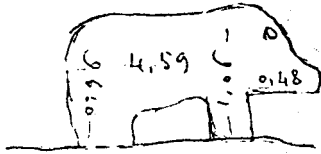
<sup>(368)</sup> Tradição, hoje em dia completamente esquecida.

<sup>(369)</sup> Freguesia do concelho de Vieira do Minho, donde dista 15 km.

dem por lagoa Stygia, nada sabem — repetem que é para pagar a passagem para a outra vida. Hoje apenas alguns pobres e ignorantes praticam esta usança.

(Informações escritas do Pe. Manuel Ribas)

*Porca da Murça* — Está ainda com restos de tinta vermelha, e dantes estava toda pintada. Ha quando um criminoso porca, se ele o era real A de Bragança, cuja gra parece mais velha que se de pedestal, segundo as informações do Inácio de Meneses, a quem devo esta.



via o prejuízo de que, se aproximava dela, a mente mudava de cor. vura deu o «Ocidente», o pelourinho, a que ser-

Junho 3 — Fui hoje dar um passeio de exploração por os arredores de Guimarães. A minha intenção era ir para S. Torcato, mas adiante da ponte do Selho, tomei à esquerda pelo caminho que vai para Louredo <sup>(370)</sup>, para examinar um outeiro que fica à beira da estrada. A noroeste do outeiro, numa pequena elevação, há a *Lapa de Bouro*. Dir-se-ia um semidólmen.



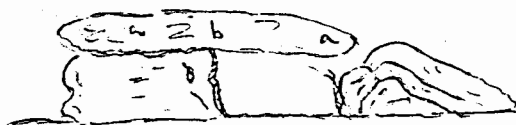
resultante da disposição dos forma um Triângulo tanto na base (entrada), tirada do vértice para a encostado é enorme; mas O solo da furna, dos dois pene-de 15 passos, como na linha base. O lascão assenta num pene-do plano, e que se diria aplanado artificialmente, parecendo que o lascão foi ali posto pela mão do homem. Como me disse depois um homem, o nome é o que lhe dei, mas não há tradição de nada, e ouvi-o gaguejar que o nome de Bouro se estende a todo o outeiro. No alto do outeiro vê-se, aqui e ali, um ou outro caco, e dentro da furna mais alguns pequenos cacos são suspeitos. Tomei depois para poente para ver outro outeiro com pinhal, ainda em S. Lourenço de Selho, passando pelo lugar do Ermo. Encontrei um velho no outeiro que me disse ter ele o nome de *Vila-Nova*, bem que ao pé nenhum lugar houvesse deste nome. Foi ele que me deu o nome da Lapa. Disse-lhe o que procurava, e que o sinal evidente de anti-

(370) Lugar de S. Lourenço de Selho, Guimarães.

gualhas eram cacos. Muitos cacos há ali no monte de S. Tiago — disse ele. Orientei-me e fui lá. No outeiro de Vila Nova, também havia fragmentos cerâmicos, e um de louça vermelha quase fina com dois riscos transversais; mas nada mais de notável.

*Monte de S. Tiago* <sup>(371)</sup> — É em Penselo, e onde fica o marco geodésico. Efectivamente a cacaria abunda. Fragmentos de telha romana e de vasilhas grosseiras aparecem a cada passo, bem como fragmentos de pedra-ferro. Mas sinais de muralhas e construções, nada. Houve ali uma capela de S. Tiago, da qual não há nada de vestígios. Dali vê-se toda a ribeira de Briteiros, Citânia, Sabroso, casa da Ponte, etc., e vê-se para o outro lado do Guimarães.

A nascente do monte, cá em baixo, num pequeno outeiro há um grupo de penedos, que uma rapariga, assustada ao ver-me só me disse, fugindo e quase chorando, que pertencia a Louredo.



O lascão (a) forma uma cobertura que cobre um espaço de 12 passos de comprimento na direcção de a, b, e 24 de largo, na direcção que a cruzaria. Os penedos são

enormes, e o lascão parece quase cavalgado, e de tal modo assenta, que eu tentei ver se era oscilante, de balde, é de crer. Pena é não se lhe saber o nome.

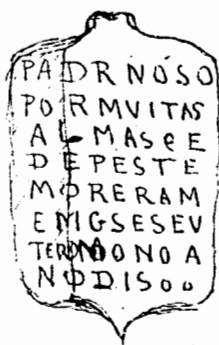
*Junho, 5* — A minha digressão foi hoje pela estrada de S. Torcato. Fui ao mosteiro velho, onde nada vi de notável. A parte velha são uns restos de claustro, onde algumas arcadas são antigas — arcadas quase embutidas numa parede <sup>(372)</sup>. Daí endireitei para o monte, onde há um marco geodésico, e por trás do qual (poente) fica o «monte da pedra do santo», por ser daí que vem a pedra para as obras. Uns chamavam-lhe monte do Vilar, mas um pedreiro disse-me que ambos os montes e todo aquele sítio se cha-

<sup>(371)</sup> Monte de S. Tiago. Inventariado com o n.º 273 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Penselo, concelho de Guimarães.

<sup>(372)</sup> Restos do antigo mosteiro beneditino que passou no séc. XII para a Ordem de St.º Agostinho. Sofreu modificações no séc. XV, quando esta Ordem foi extinta e a igreja passou para o serviço paroquial. Do templo românico restam o portal recortado e algumas arcadas em estilo lombardo.

mava Gilde. Vê-se que há mais que um Gilde com pouca distância um do outro. A sudoeste do monte, e já nos campos, disse-me um varredor de S. Torcato que encontrara, ter-se dado uma batalha de Mouros. Para noroeste, quase norte do monte do Santo (pedra do) fica o monte da Gonça (373); a sudoeste uma planície cultivada chamada Vilar e limitada por um picoto, com um esteio, que faz o papel de marco geodésico. Fui até lá ver e achei-me no alto do Barral com a Citânia, Sabroso e o vale do Ave à vista. O monte de Gonça pega parte com o S. Simão, e o «Castelo do Mouro» do Barral com Vilar. O vale de S. Torcato ou do Selho torce por trás do Gilde, etc., e vai prender com o vale do Ave.

A única coisa que registei foi uma inscrição aberta num escudo na haste duma cruz de S. Torcato velho:



A parte esquerda do escudo está quebrada; mas a restituição é fácil até certo ponto. O Q da = .ª linha é esquisito e um pouco safado. Na 6.ª linha o G deve ser um G pela sua forma. Talvez 6.ª linha: Em Gs (Guimaraês) e seu — 7.º TER/MO (374).

*Basto, adenda* — No caminho de Refojos à Cidade, encontrei alguns sinais em lajes, mesmo no meio do caminho, é obra sem dúvida dos rapazes do gado. Os principais eram:

Bom é saber-se que não é



só em Âncora que há esta costumeira.

Junho, 8 — A minha excursão foi para lá da ponte de S. João. Para a direita tudo era plano e chão. Tomei para a esquerda até desembocar com a igreja de Brito e o monte de S. Miguel quase desafrontado. Olhando para poente, e à minha direita, ficava uma série de outeiros, o terceiro dos quais (o 1.º o mesmo onde ficava o marco geodésico — Vila Nova de Sande) me pareceu suspeito por um cinto desenhado perto da coroa. Dirigi-me lá. Não me tinha enganado.

A coroa do monte é cercada ainda hoje por restos dum socalco de pedras quase ciclópicas. Não faltam fragmentos muito miúdos de cerâmica.

(373) Castro de Gonça. Inventariado com o n.º 267 no C.C.N.P.

(374) Há lapso de Sarmento no desenho acima reproduzido. Não é 1500 mas sim 1599, a data que lá está gravada. Foi em 1599 que uma das maiores epidemias de peste assolou o país e em especial a região de Guimarães.

Para o lado do poente há pelo menos três tabuleiros mais, com taluda e onde restos de muralha de pedra mais miúda abundam ainda. Os cacos continuam a aparecer. Perto dali passava a antiga estrada de Braga.

Aquela estação tem um carácter sofrivelmente primitivo. Mas, segundo informação que me deu uma mulher, nenhuma tradição se salvaram.

O outeiro chama-se *Monte da Forca*.

Perguntando à mulher se ali se falava de mouros, respondeu que «onde falavam os mouros» era no outro (o outeiro do marco geodésico) e que também ali havia um *penedo dos mouros* cujo local me descreveu. Procurei o eco que é na dobra do outeiro que volta para a igreja de Vila Nova e que do ponto que eu escolhi repete distintamente um monossílabo.

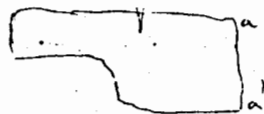
O *penedo dos mouros* fica na encosta oposta, quase ao sopé do outeiro e volta para a igreja de Brito. É um enorme penedo, que só se torna notável por uma cavidade horizontal, realmente difícil de explicar pela acção de agentes naturais, mas que decerto não tem outra causa. É porém esta cavidade, e uma outra na superfície do mesmo penedo, que celebrou o calhau. De resto o outeiro, que examinei, não mostra o mínimo vestígio de ter sido habitado.

Junho, 19 (Chegada a Âncora) (375).

Junho, 22 — A volta que dei hoje produziu o seguinte:

*Dólmen de Fraião* — A altura do montículo orça por 20 palmos.

*Sino da Espiga* — O Terrugem despede um contra forte na direcção de Fraião. Neste outeiro há um penedo que me chamou a atenção, de longe, e ainda mais de perto. O penedo que tem na direcção horizontal a forma apresenta no topo uma cavidade (corrosão) profunda. O penedo do topo que volta para nascente, parece calçado. Assenta em penedos *in situ* desi-



(375) Em 1880, e pela segunda vez consecutiva deslocou-se Martins Sarmiento, em vi-  
legiatura, para Âncora onde permaneceu de 19 de Junho a 14 de Agosto. Ali continuou  
as explorações pela região, iniciadas no ano anterior.

Recomendamos a leitura dos apontamentos referentes a 1879, publicados no anterior  
volume da Revista de Guimarães.

guais, que têm pouco mais ou menos esta disposição:



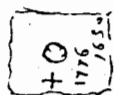
produzindo uma pequena  
furna (c) virada para sul  
cheia de pedra, do rapa-  
zio, creio. O curioso é que os  
suportes, como se vê no de-  
senho 1 têm, um, três, outro duas covinhas, que se



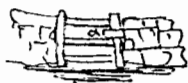
não pode jurar, que foram feitas antes de assentar o penedo superior, mas que depois dele assente, eram difíceis de abrir.

Como me disse um homem que encontrei perto, o penedo tem um nome «Sino da Espiga». Espiga é também o nome deste monte. Para os lados boreais de Vile há outro monte da Espiga, segundo me disseram o ano passado: mas o homem nega. O Sino da Espiga não tem nenhuma tradição de mouros, nem outra. Segundo o mesmo informador, uma construção circular que ele reconheceu pela pintura que lhe fiz, e que o ano passado vi nesta mesma vertente do monte, eram alicerces de um moinho de vento.

*Cruz da Matança* — A Cruz da Matança fica na encruzilhada que de Afife traz para o Terrugem, pela quebrada entre este monte e o da Cidade, encruzilhada que dá um caminho para a capela da Senhora do Socorro. A cruz está muito gasta do tempo. Na sapata (base) tem a data de 1776 é clara: a outra parece ser 1650. É notável que a norte do dólmen do Monte Agudo, num penedo, e sem se imaginar porquê aparece a mesma data 1776. A do cruzeiro de Âncora, perto do campo onde apareceu o montão de conchas, a data é ainda a mesma.



*Cancela* — Numa tapada do Terrugem vi um sistema novo de coução a) é uma argola de pedra que abrange a consoeira <sup>(376)</sup>, que pela parte inferior pousa no chão. É claro que as travessas da cancela foram metidas depois que a consoeira passou pelas argolas.

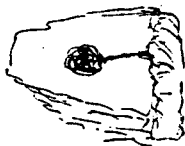




Junho, 24 — Fui hoje ver as muralhas do pinhal da Gelfa. Segundo me dizem, aquilo é muito antigo, e resolvi-me a dar ali algumas cavadelas.

(376) Termo popular e arcaico usado na região de Guimarães para designar couceira.

*Covinhas* — Um dos suportes do dólmen de Monte Agudo tem uma covinha na face superior. Tenho-as encontrado também nuns penedos perto do rio, margem esquerda, entre o 2.º e o 3.º moinho; e num pinhal (Gelfa) no caminho que do cruzeiro de Laboradas leva para os lados de Âncora, caminho da esquerda.

*Junho, 25* — *St.º Amaro* — Visitei hoje *St.º Amaro* com mais vagar. Nenhuma pedra de construção aparece à vista; mas por duas covas abertas para arrancar árvores, vê-se claramente que por baixo dum palmo de terra vegetal a escavação só encontrará pedras da construção. Nestas covas aparece muita telha romana. Vi alguns fragmentos de ânforas. Num penedo, depois que o limpei do musgo, descobri uma cavidade de fundo sobre o cónico e temente artificiais: a cavidade rego 0,57 de comprido e parece um rego, ambos evidentemente artificiais: a cavidade tem 0,22 de diâmetro: o virar para nascente. Não vi mais sinais em rochas por mais que espreitasse.



*Ponte de Abadim* — Descobri-lhe a letra P e os sinais . Pareceu-me porém que a parte em que tais sinais aparecem é parede mais moderna. Mais  por baixo do arco (377).

*Notícias de Esposende, (27 de Junho)* — O Administrador, depois de se escusar de não ter respondido mais cedo por incómodos de saúde e necessidade de colher informações, diz:

«Do monumento de que fala Argote não há vestígios, a não ser ou uma grande laje que acha num caminho que vai daqui para a freguesia das Marinhas, e que chama a atenção, não só por não ser dali a laje, mas mesmo pela maneira por que se acha colocada, ou então um montículo de terra hoje coberto de mato e mesmo alguns pequenos sobreiros e cercado de lavradio, a que os lavradores do sítio chamam *montilhão*, e que está colocado no meio de uma agra, que tem o nome de *Agra da Mamoá*. Perto desta Agra há outro sítio a que chamam Antas e outro a que chamam Antinhas. Noutros sítios têm sido encontradas duas pedras semelhantes e esteios em posição vertical e cuja base, dizem os do sítio, pousa ou descansa numa espécie de pia. Estas pedras em toda a parte onde têm aparecido têm sido

(377) Já no ano anterior, tinha Martins Sarmiento encontrado as siglas: S, P, L.

achadas soterradas em montículos de terra, espécie de montilhões, e note-se que os do sítio chamam a este todo (pedras, pia e montículos) *Mamoe-las*. Há também a freguesia de S. Paio de Antas! Curioso.

A estas notícias acrescenta o João Marujo (carreiro) que na sua freguesia Vila Chã (pertencente ainda a Esposende) no *Monte da Cerca* há *mamunhas* (*sic*).

Não estando ele em casa posso dirigir-me a António Boaventura, ou José Domingos da Silva, que ele pediu para me mostrar os sítios.

Logo perto de Viana, e do Cais Novo, na Quinta do Félix, há um baú encantado.

O Administrador de Caminha chama-se João Xavier da Silva Torres. O boticário de Afife: Luciano da Conceição.

*Letobriga (Litobriga)* — Diz-me o Pestana que na comarca de «Coura» há umas ruínas chamadas, ao que parece, «Castelo», em Rubiães (ou Romarigães, segundo ele hesita); mas que por ali dão também o nome de Lito-briga (378).

*Julho, 2* — Escreveu-me o Pe. Manuel Ribas, dizendo-me que observou com atenção os montículos até Sobreposta, e entende que são dos da espécie dos de Basto. São 8, dois ao que parece intactos. Excelente.

*Calcedónia* — Quanto a esta, um amigo dele, Martins Capela: abade da Carvalheira fez algumas escavações. Muita telha, fragmentos de louça, alguma preta, muito bem talhada; muralhas que em parte têm ainda 3 metros; casas circulares, mais de 100, e uma grande e comprida gruta. A nascente do Gerez, no «Monte da Ermida», há mais ruínas (379).

*Julho, 3* — *Mamunhas de Vila Chã* (380) — Fui hoje vê-las. O João Marrucho (não Marujo) estava perto de casa e serviu-nos de cicerone. São 6. Três ficam no que eles chamam «Serra», mas que pouco se eleva do nível da freguesia. Ficam quase em linha, uma distando apenas 29 passos, outra talvez 500. A do meio tem o montículo maior e fica na parte

---

(378) Cidade Murada. Inventariada com o n.º 66 do C.C.N.P. Fica na freguesia de Romarigães, concelho de Paredes de Coura, donde dista 11 km.

(379) Ver nota (367).

(380) Vila Chã. Freguesia do concelho de Esposende, donde dista 7 km.

mais alta do que se pode chamar planície, ou melhor planalto. Neste havia um dólmen do tipo do da Lapa dos Mouros. Dum dos lados há ainda 4 suportes, do outro um, em posição oblíqua, e o isolado inclinado de mais:



No suporte isolado, pela face de fora há uma cruz cuja gravura denota antiguidade. As duas outras mamunhas (nome mais conhecido ali) estão completamente despojadas de pedras e é duvidoso se são dólmenes ou apenas caixas sem anta. São quase tão pouco elevadas como as de Basto.

As outras três ficam na bouça do Rápido, sítio do Torraão, terreno baldio e chão, tendo a nascente um pequeno monte (Monte da Cerca), que as separa das outras. Estas não ficam em linha

emergência de um suporte e era dól

A n.º 2 está completamente despo

A n.º 3 contém ainda suportes mas ex



A largura da furna era ape

forma tendente ao redondo (mas de altura de 12 palmos, diz o João Marrucho). Vira para poente. A distância entre as três

é de 50 a 55 passos.

Fomos para S. Paio de Anta. Ninguém me deu ali notícia de dólmenes nem de mamunhas; mas a mulher que nos guiara da ponte do Neiva (St.ª Marinha a Vila Chã) disse que perto da ponte havia muito que ver, «eirinhas dos mouros», etc. Em vez de ir explorar o morro do castelo de Neiva (381), como tencionara, fui atrás da mulher. Por fim, nada! Mas um homem a quem ela pediu informações disse que em Vila Chã, antes de chegar à Capela de S. Lourenço, perto do Faro, tinha ele visto 2 círculos de pedras, como marc. Cromlechs sem dúvida! O Marrucho ignorava isto? Espiolhar.

A mulher disse ainda que a nascente de Vila Chã, e pertencendo a Palme há o *Crasto* que tem muitas capelinhas etc. Mas a mulher tem o seu quê de idiota.

Os 3 dólmenes da serra ficam na linha de norte/sul. Deixei dinheiro ao João para os explorar.

*Julho 5* — O relojoeiro, meu vizinho, diz que foi escavar uma noite, ele e outros, a St.ª Amaro, porque uma mulher sonhara que num certo sítio havia uma caixa de dinheiro, e que encontraram uma construção circular, como um moinho de vento. Era uma casa redonda.

(381) Monte do Castelo. Inventariado com o n.º 97 do C.C.N.P.

No monte do Calvário indo para cima há a chamada «Caixa Velha» — grupo de penedos que merece ver-se. Conhece também o da «Espiga», mas mal se lembra da sua forma.

*Julho, 6* — A «Caixa Velha» nada tem de notável senão o nome. Fica acima da capela do Calvário, no morro que mais vira para a igreja de Gontinhães.

*Julho, 7* — Fui ver de novo o «Picoto dos Mouros». É duvidoso se na parte norte do recinto a construção circular que já o ano passado notei era uma *mamunha* ou não. O seu diâmetro era de 21 passos, e dentro do círculo há uma depressão, como nas outras mamoas. Se o era, aqui o círculo era limitado por uma fiada de pedras grosseiras.

Fui adiante à mamoa do Cruzeiro da Portela. A freguesia que se vê em baixo direcção de Caminha e Azevedo que parte com Riba d' Âncora, precisamente pelo diâmetro da mamoa. Um homem de Azevedo que ali encontrei indicou-me mais duas.

*Mamoas de Azevedo* — Uma fica a meio caminho de Azevedo, à esquerda, e mesmo à beira do caminho do meio, perto duma escavação barrenta, onde o caminho é quase uma regueira. Aqui a mamoa está muito desfeita. No centro há uma larga depressão que me faz crer que a caixa de pedra era grande. À direita (indo para Azevedo) e um pouco mais abaixo da mamoa há um grupo de penedos e num deles uma gamela de topos açotados, como se houvesse servido de polidor e que o homem tinha por coisa dos mouros, não se sabendo para que lado a gamela apontava o tesouro. Lá para o alto, e a poente, haveria também num penedo umas «cadeiras» pintadas (gravadas). Por baixo do grupo de penedos há uma parede que se não vê o que possa tapar; mas aí o mato é tão alto que todo o exame se torna impossível.

Em Azevedo havia também no «Penedo das Fontinhas» umas letras, que os rapazes com cinzel e martelo desfizeram completamente.

Quanto a povoações arruinadas, o homem só sabia de Vilar de Mouros.

Na sua opinião as mamoas, com a sua cavidade no centro «poço dos mouros» eram sítios, onde os mouros se escondiam para fazer fogo. Isto prova que o saque das pedras das sepulturas é muito velho.

A respeito das campas, de que falara a Ferreira de Riba d' Âncora, não são visíveis. Pertenceriam a dois demandistas que se encontraram na Porte-

la e se mataram um ao outro. O cruzeiro, também alude a este feito, e é mesmo em frente do cruzeiro que os dois devem estar enterrados.

A *outra mamoa* fica a 1000 passos do cruzeiro, para o lado de nordeste e numa chã, nível quase da do cruzeiro. Dizia o homem que ela ficava no caminho de «Vila Verde», mas eu não vi caminho digno de nota. A mamoa é pequena, sem vestígio de pedra da caixa e num sítio verdadeiramente direito.

A nascente de Azevedo na lombada do monte, vê-se uma capela (Senhora da Serra) que pertence à freguesia de Dem. Para nascente da capela diz o homem que há outra mamoa. Vê-la-emos.

É bom notar que perto do moinho, antes de chegar à ponte velha de Âncora há parte de uma atafona a servir de ladrilho. Duvidei primeiro, mas vendo à vinda do dólmen do pinhal da Barrosa para Vile, um pé de atafona a ladrilhar a estrada não me resta dúvida de que o outro fragmento também o é.

Numa laje de Riba d'Âncora, para cá de Santo Amaro, à beira do caminho que mais se chega à falda do monte, há uma gravura fresca dum cruzeiro com a data de 1880 em baixo e ao lado S.P.; e no talude da rodada do carro, junto à outra uma segunda gravura, em que alguns arabescos são:

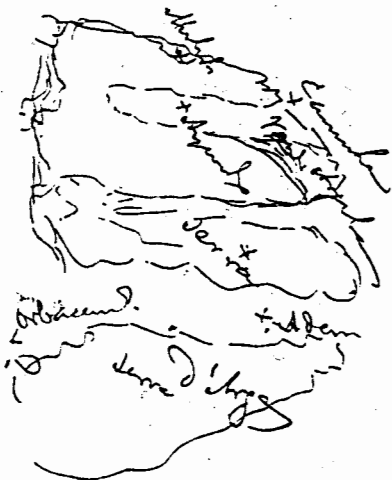
As ruínas de que fala o Pestana ficam numa garganta, onde passa o rio Coura. O nome seria Lubrica, segundo um informador recente. Ao mesmo tempo seria Canca a pátria do Imperador Teodósio.

*Muralhas da Gelfa* — Nada valem. Têm o alicerce na areia e nada dá. Foi uma parede de vedação como qualquer outra. Tão reles foi a informação do resultado da escavação que nem a fui ver.

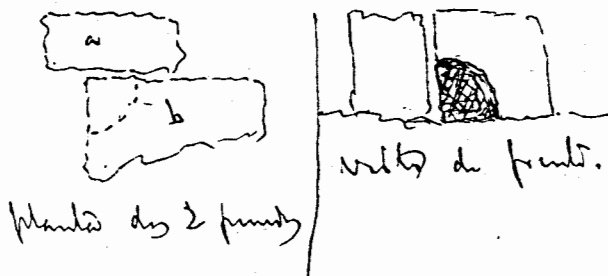
*Julho, 9* — Fui hoje procurar a mamoa a nascente da Senhora da Serra. Não a encontrei. Adiante de St.º Amaro, indo à esquerda, numa bouça plana, e donde sai uma boa água, há talvez uma mamoa. Talvez; porque o montículo é imperfeito, e as pedras que formam a caixa pequeníssimas. Na bouça há outras cavidades que serviram para carvoeiras. Em uma laje há duas *covinhas*.

Tanto a *Serra*, como o monte de Azevedo, que lhe é paralelo e pertence ao *Cruzeiro*, são notáveis pelos xistos que possuem, alguns verdadeira cor de prata, e outras curiosidades que um geólogo apreciaria. Alguns xis-

tos têm fragmentos, como as pedras de Sabroso, parecendo carvões, mas aqui mais com cor de ferro, e muitos dos quais se vêem na rocha, a que pertencem; outros têm-no desagregado e juncam o monte. Um esboço topográfico:



Julho 11 — Fui ontem rever o *Castro dos Mouros*. Encontrei a norte do morro mais alto, e numa chã, ainda intra-muros, um penedo curioso, que serve pelo menos, para não dar por demonstrado que as cavidades na parte de um penedo não exposto directamente ao tempo não provam nada sobre ser o penedo disposto em tal ou tal posição pela mão do homem.



O penedo a) tem 15 palmos de comprimento e 9 de largo; o b) 20 palmos, 11 de largo no topo — calhaus enormes, como se vê. No topo é que há uma cavidade de 1/4 de

esfera quase perfeito. O diâmetro de 6 palmos (nos 3 diâmetros) cheios de corrosões. É possível que aquilo fosse aproveitado, mas é certo que é obra da natureza. Chegado ao grupo de penedos que formam o morro pequeno, e também pelo norte, há uma gamela de 2 palmos no diâmetro

grande, 1½ no pequeno (diâmetro grande de nascente a poente) que me parece claramente artificial.

Percorri depois parte do alto do monte da Terrugem. Esplêndido planalto, duma área enorme, de mais talvez de 1½ de légua de norte a sul, abundante de ervas e águas. Pareceu-me porém, no que percorri, completamente falho de vida antiga.

*Julho, 13* — Fui ao Amonde (freguesia), além de Orbacém. O Pe. Manuel Presas que me acompanhou até casa do abade de Âncora (Riba d'), Pe. Bernardino, deu-me aí uns apontamentos, que notam:

A) Fonte Susana, onde apareceu um tesouro do lado para onde uma das caras (da bica) está voltada. Vê-se aí, ao que parece, ainda uma pedra removida. Apareceu soterrada parte de uma pia. Mais acima na calçada, vê-se ainda parte da mesma pia. A notícia do tesouro existe em papéis dum fidalgo, para o Orbacém. Não vi.

B) *Corucho do Castro* — É a nascente da Igreja de Riba d'Âncora. Há aí vestígios de paredes e no picoto vestígios dum torreão. Dizem ser dos mouros. Irei ver.

C) Um «Comorro com uma pedra no centro», no caminho de Vila Verde, na Cruz Nova. Vi. Indo de Riba d'Âncora para Amonde, e chegando ao encanamento de água, que fica a norte do Castro, toma-se à esquerda. O «túmulo» fica quase defronte da primeira cruz dum Calvário, que ficou decerto com o nome de nova desde tempos antigos, porque o calvário tem cruces mais novas. É também numa pequena chã, e o outeiro é de dimensões maiores que o da Portela (que também é acusado na lista, que nada mais diz).

A «pedra do centro» era lateral, e emerge uns dois palmos fora da depressão. É porém pouco possível decidir se pertenceria a um dólmen. Talvez me resolva a explorá-lo.

Segui para o Amonde. Nada de notável no caminho, só a Ponte de Tourim, que suposto que mais pequena que a da Abadim me pareceu contemporânea. Tem também algumas marcas de pedreiro, por baixo do arco, mas mal distintas e por isso as não copieei.

Cheguei a casa do farmacêutico — José António, a quem um bilhete do abade de Âncora me recomendara. Nenhumas notícias de antiguidades me soube dar.

Para me mostrar as minas de estanho, mandou chamar um Manuel, serralheiro e armeiro, que tinha trabalhado com o espanhol D. António.

Vi uma das minas no monte chamado «Os Brasis», ou melhor numa secção da costa do monte, e depois mais ao norte, outra secção chamada «Serra da Joana Ramalha» ou simplesmente Ramalha, onde também há uma mina. No Amonde há ainda outra mina, a da Paredinha. Nesta, na Ramalha e na Corredoura, disse o Manuel que se via haver já escavações antigas, mas muito superficiais. Como descobriu o espanhol estes jazigos? Começou no Outeiro, longe, e veio vindo de informação em informação. Quanto à «Cova do Lobo», a coisa não passa de um fojo, onde nunca houve exploração de minas.

O homem deu-me uma amostra de estanho, tanto do que aparecia em aluviões, como do encontrado estanhado em fragmentos de quartzo.

Na serra (Sr. da), lá andara também em exploração — e eu, quando a percorri, notei algum terreno movido, tendo essa desconfiança. Os montes de Amonde, como a Serra são de xisto e quartzo.

Perguntei ao homem por antiguidades. Mostrou-me a «Coroa» — única antiguidade que conhecia, no Amonde (382). — Era um monte, vis-a-vis dos «Brasis», interpondo-se no meio a Igreja. Fomos ver a «Coroa». Não é um «tumulus», mas em todo o caso é um grande montão de terra, fazendo lembrar o Morro do Picoto e do Castro dos Mouros, mas como estes o morro constituía parte duma posição fortificada, cercada por duas ordens de muralhas de lousa de xisto: vado no centro e num dos lados cente, e onde a disposição das dum lado como do outro for O homem diz que apareceu ali eu não vi. Este Morro, como os dos tem alguma coisa de sepul-



O morro tem sido escavado — o que vira para nas lousas de xisto tanto mam parede: carvão — que supranomea-cral? Não sei.




Em Perafita (freguesia de S. Lourenço), onde há um marco geodésico, e na «Cova da Légua» na mesma freguesia, a nordeste do Amonde, haveria construções antigas; mas ao mesmo tempo o homem, acerca desta última, fala em duas paredes ladeando a cova. Só vendo.

P.S. — O morro da Cruz Nova fica na «Chã de Bagalhós (vide infra); mas a informação é dum idiota tato.

(382) Monte da Coroa. Inventariado com o n.º 84 no C.C.N.P. Fica na freguesia de Amonde, concelho de Viana do Castelo.

*Julho, 15 — Dólmen de Vile* — A altura do cômore é hoje de 13 ½ palmos (3 m), o diâmetro de 30 passos (16,7 m), mas — coisa digna de nota — o monumento não ficava perfeitamente ao centro. Haverá outro ao lado?

*Fonte Susana* — Fica a sul da igreja de Âncora, e já quase nas faldas do *Crasto*, como emendou um homem de Vile, que veio daqueles sítios. As caras da fonte não são bicas. Em pedras separadas, e metidas em círculo vêem-se umas saliências, que poderiam outrora ter sido caras. A tradição alguma coisa deve valer. Numa calçada que toma para te vê-se a meia pia, de que fa



a) bica, que é moderna. cima, e por trás da fonte lava o apontamento do Pe. Manuel. Era tosca como as da Citânia (383).



*Corucho do Crasto* — É um outeiro, o mais chegado a poente. O diâmetro é de 72 passos. Vêem-se vestígios em toda a volta. A coisa é pequeníssima mas linda. O outeiro parece ter sido escavado em torno, para lhe dar maior altura e ficar grandemente íngreme, talvez, onde não havia escarpa natural, como para poente, de 7 ou 9 metros. O que muito estimei encontrar foi uma laje um pouco a poente (contando do centro) com covinhas:





A direcção das covinhas é talvez de norte a sul — talvez porque não ficam em linha. Fui ainda ver o cômore da Cruz Nova, na *Chã das Varges*, e não como disse o idiota. Nada de novo. Subi a uma eminência para espreitar se podia descobrir mais alguns; mas nenhuns descobri.

*Sinais em lajes perto do Pinhal da Barrosa* — É no caminho que corre paralelo à estrada, mas além dos campos; e do caminho que geralmente se segue marginal para Abadim. O


caminho fica, em suma, na orla do primeiro pinhal a contar da estrada de macadame, e paralela a ela. O mais característico e inegável é: como um de Sabroso, de pequenas covinhas do tamanho das vulgares.

(383) Devido à subida do nível do pavimento da estrada que lhe fica limítrofe, e de uma pequena represa anexa, a fonte Susana está hoje em dia quase submersa pelas águas.

Um círculo é perfeito de mais para ser natural; ainda assim o traço é muito mais largo, e outros sulcos na laje, sendo naturais, fariam desconfiar disto. Um outro círculo dobrado, mas imperfeito tem uma covinha. Noutra parte  mas duvidoso.  Dir-se-ia uma âncora — duvidoso. Mas a estrela e as covinhas são certas.

Julho, 23, 24 — *Exploração da mamoa de Fraião* — Fraião é o nome da bouça segundo a Maria Teresa; o nome do lugar é Aspra, que o vulgo diz Espra (informação dum sobrinho do Miguel, dono da mamoa); Corne-do é o sítio próximo, onde há uma cruz e umas alminhas (384).

O montículo de Fraião parece construído às avessas dos outros; quer dizer: se as mamoas em geral são um acervo de terra e pedras trazidas doutra parte, o de Fraião é formado no geral por uma elevação barrenta e virgem, a que se deve a forma cónica. O dólmen (porque sem dúvida o tinha), bem que nenhuma pedra grande escapasse, era formado sobre a eminência? Neste caso, difficilmente seria coberto. Era talvez uma câmara baixa. A escavação no centro descobriu a exploração em cruz feita pelo capitão Costa. Por acaso o trabalhador era o mesmo. As valas em cruz estavam cheias de terra vegetal, que no corte se destacavam do barro compacto. A escavação, que tendi desceu 14 palmos, enquanto que a do Costa não passou de metade; mas a terra era verdadeiramente virgem. Segundo o trabalhador, o explorador primeiro  encontraria um pedaço de metal verde (bronze?) de 3 esquinas.

Mandei abrir uma galgueira na direcção de nascente. Logo à primeira cavadela appareceu um *fragmento de tijolo*, mais tarde um caco. E mais nada. Da parte de nascente a terra era de entulho — a parte inferior terra barrenta, cheia de seixos, uns inteiros, outros partidos e em lascas.

O monumento foi explorado e saqueado há séculos. A escavação de nascente teve de mover a haste dum pinheiro que havia apparecido na terra na altura de mais de um metro.

*Cidade de Lais* — Perto de Lanhelas, a nascente, no monte Góis, havia, dizia o Camilo de Sá, as ruínas da cidade de Lais (385). Fomos lá, eu e o Taveira, informando-nos em Lanhelas com o capelão do Camilo, que,

(384) Alminhas da Rosa Pacara ou do Cruzeiro.

(385) Castro de Góis. Inventariado com o n.º 15 no C.C.N.P. Fica na freguesia de Gondarém, concelho de V. N. de Cerveira.

segundo este, estava ao facto das ruínas. O padre falou em paredes arruinadas, sem grande significado. De facto as ruínas pouco ou nada valem. Em torno do marco geodésico vêem-se já uns visos de paredes; mais abaixo há um grande cerco, também de restos de paredes, na costa de nascente; mas nenhuns vestígios de construções, e mesmo as paredes quase que não tem cara de muralhas, pela sua estreiteza. Vilar de Mouros, que lhe fica perto, com a sua capela da «Senhora do Castro», vale bem mais, suposto que pouco valha. Os achados em Lanhelas, perto da casa do Camilo, ao abrir a estrada de macadame e a de ferro, desapareceram. Segundo parece, eram um túmulo de telha e fragmentos da mesma (23).

*Mamoas em Gontinhães* — É no caminho de Gontinhães para Moledo, seguindo a estrada a nascente do Calvário. Fica, indo, à esquerda, logo ao fim da longa subida para o monte. Parece que há mais no «Monte de Gontinhães, segundo as informações do meu vizinho ourives. Esta tem ainda algumas pedras pequenas e será explorada (24).

N. B. As paredes no Monte de Góis há-as também na Chã de Grijó (para o lado de Gondarém), e na chã grande, chamada também — coisa estranha — «Portas do Sol». Há a Porta do Sol em Caminha e V. N. Cerveira.

As Ínsuas no Rio Minho chamam-se «Morraceiras».

*Santo Isidro* — A este santo que fica perto do Porto de Caído votam-se telhas. No dia da festa, os votantes levam as telhas à cabeça, dão com elas 3 voltas em redor da capela, e entregam-nas. As telhas são para a igreja, ou vendem-se se as escusam. Parece que o desabrigado do sítio, que revoluciona frequentemente os telhados, é a causa deste género de devoção — que é antiga.

*Diabos, fazer* — Os púcaros com uma luz dentro, e 4 furos, figurando os olhos, nariz e boca. Alguns com grandes cornos. É na noite de St.<sup>a</sup> Marta, principalmente na Rua dos Gatos (Guimarães).

Julho, 26, *Mamoas em Gontinhães* (bis) — O sítio chama-se «Maruco da Água». Segundo disse um rapaz que por ali tem guardado gado, havia por ali mais, ao longo do caminho que cruza o de Moledo, para nordeste — ao todo sete. As mamoas foram desfeitas, acrescenta ele, para reparar os caminhos próximos. Corri o sítio indicado e não vi vestígios de nada. Pareceu-me, porém, que o rapaz falava com consciência.

*Convento de Bulhente (ruínas)* — Era um convento de freiras (386); numa chã para baixo e a nascente do «Maruco da Água». Nos escombros há ainda uma pedra ornamentada com óvulos por dois lados. Não é capitel de coluna, se bem que o pareça à primeira. A igreja seria destruída por uma enxurrada que veio do monte. O arco da sineira seria transportado para a capela do Calvário, onde conserva a data de 1143 (ou 5); mas inegavelmente há aqui lapso e a data deve ser 1743. A ornamentação do arco é relativamente moderna; e segundo diz o rapaz a despesa com a sineira nem ainda foi paga ao pedreiro que a fez. Abrindo uma mina (água de maruco?) perto da igreja encontraram-se — diz o Gonçalves, futuro gento do Comendador Ramos, uns carneiros inteiriços.

*Viseira* — É em terra do Gerês o nome que se dá a 100 cabeças de gado, (informação do Visconde da Gramosa que foi juiz em Vila Verde).

*Auobriga* — Logo por cima das Caldas do Gerês, haverá umas ruínas com este nome (aliás manco) segundo diz o Santiago, que vem daqueles sítios.

Julho, 28, 30 — De Âncora a Vigo — Perto da estação de S. Pedro da Torre, creio eu, há um monte cónico, com uma capela arruinada no cimo, chamada Faro. Perto dali, num campo, sempre no monte, têm aparecido algumas moedas de ouro, uma das quais me mostraram em Valença. Li dum lado Victória Augusta, em baixo DOMOS (Domos?) — e do outro lado li mas parece-me erradamente Vespasiano.

*Valença* — No foral (?) *Contrasta* (387). Havia ali povoação no tempo dos romanos? Se houve, existia onde actualmente fica a praça, pois que a eminência em que ela está era azada para isso. No lugar chamado «as Lajes», a nordeste da praça e nas faldas da eminência estava o marco

(386) A existência do convento de Bulhente é contestada pelo historiador José Marques no seu trabalho «O mosteiro de Bulhente nunca existiu».

(387) Valença foi mandada povoar por D. Sancho I concedendo-lhe este rei foral, mais tarde confirmado por D. Afonso II. Chamava-se então *Contrasta*, nome que conservou até ao reinado de D. Afonso III, que lhe mudou o nome para Valença. Por Valença, passava a estrada romana de Braga a Tui.

miliário de Cláudio, hoje dentro da cidade e marcando de Bracara XLII milhas <sup>(388)</sup>.

A maior surpresa de Valença deu-ma a sua matriz (Igreja de Santa Maria). É uma antiga igreja, e uma inscrição que não tive tempo de copiar dá-lhe a data de MCCCXIV (1314, era). Entre a cachorrada, sempre variada, e um cachorro obscuro fazendo lembrar o da Colegiada de Guimarães, (mas seria bom confirmar, porque a distância pode haver ilusão) há a figura muito distinta duma suástica de 4 braços curvos, exactissimamente como a da Citânia. Não se confirma a minha ideia de que a velha ornamentação pré-romana subsistiu através do romanismo? <sup>(389)</sup>

Na igreja de St.º Estêvão (Colegiada) no coro há uma cadeira tosca, que dizem pertenceu ao Bispo de Tui, no tempo do cisma de Avinhão; que veio para Valença, e tem os estranhos algarismos: De resto não sei que Valença tenha dado antigualha alguma <sup>(390)</sup>.



*Tui* — A actual passagem de Valença para Tui faz-se de certo por onde se fazia a antiga. A velha Tyde ocupava sem dúvida nenhuma o mesmo local da moderna Tui. Por isso não é possível procurar-lhe fisionomia velha. O velho morreu debaixo do novo. Pena é. As ruínas de Tyde eram um bem importante <sup>(391)</sup>. A posição era excelente — um monte abrupto quase de todas as partes. O que tem de notável é a Sé — grande igreja, quase toda lisa, menos a portada principal, e uma porta travessa. Esta é possível que seja mais antiga que o resto do edifício, que é gótico. Fora, do lado traseiro, há duas curtas inscrições góticas, que nem pude ler, e muito menos copiar. Estão altas.

<sup>(388)</sup> O marco miliário encontra-se actualmente no largo fronteiro à igreja de Santo Estêvão.

<sup>(389)</sup> A antiga igreja matriz de St.ª Maria dos Anjos sofreu, em 1918, malfadadas obras de restauro que muito a desfiguraram, destruindo a inscrição, data e cachorro obscuro citados por Sarmento.

<sup>(390)</sup> Na igreja de Sto. Estêvão, actual igreja matriz, pode-se ainda admirar este antiquíssimo cadeirão.

<sup>(391)</sup> Vestígios do antigo «Castellum Tyde» de Plínio, foram encontrados em escavações realizadas no claustro da catedral e no bairro de S. Bartolomeu.

*Vicus Spacorum* — A ria de Vigo é por fim, contra o que imaginara, um braço de mar que entra pela terra dentro pela extensão de 7 léguas até Pontevedra.

Começa a ver-se a ria, perto de Redondela e depois quase se não perde mais de vista. As margens desta ria, que os Fenícios deviam ter explorado, bem eram dignas dum exame atento. Já para nordeste de Redondela há um monte cónico, com a capela de Nossa Senhora da Penha — e quantos mais haverá? — dignos de uma visita. Já perto de Vigo, e sobre a ria, um outro com a competente capela, cujo nome me não lembra. A antiga *Vicus Spacorum* ficava inegavelmente no monte, onde há o «Castelo del Castro», o ponto mais eminente. Abrangia talvez o outro castelo que fica num contraforte mais baixo. O monte era elevado. Há mais que um talude cobrindo as antigas muralhas, e nos cortes feitos pelo trânsito, também se vêem ainda pedras que pertenceram aos muros. Cacaria é em enorme abundância. Vi fragmentos de ânforas e de telha romana. A parte superior do monte foi decerto um pouco desfigurada pelas fortificações sucessivas, e a pedra das construções aproveitada. Se no castelo novo há alguma pedra ornamentada nem me lembrei de perguntar (392).

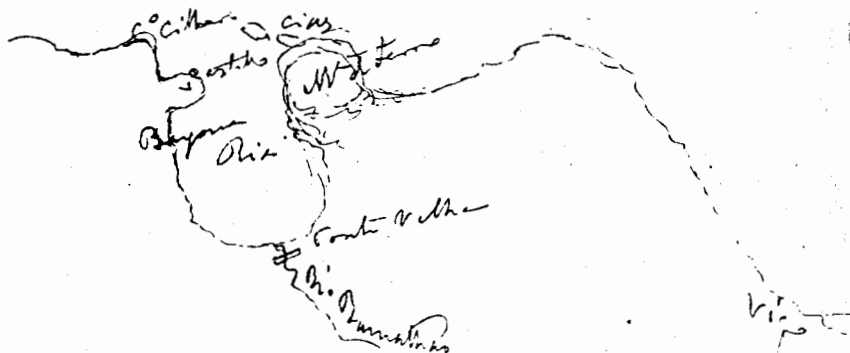
*Ilhas do Leão* — São enormes penhascos que ficam na boca da ria de Vigo. Inabitáveis; têm quase o aspecto e tamanho de pequenos montes. À vista não se dizia se são três ou, se um (393).

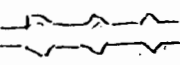
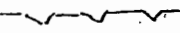
*Falperra* — A subida da parte baixa de Vigo para a meia costa (ainda cidade) parece chamar-se *Falperra*. O nome é certo, mas parece não ser dado a um local determinado, pois que por fim a Falperra compreende umas poucas de ruas com nome especial, e não vi que nenhum tenha aquele. Foi quando partíamos para Baiona que ouvi falar em tal nome.

---

(392) No «Castro» têm sido efectuadas, desde 1952, diversas campanhas de escavações. O relatório de uma das últimas foi publicada no vol. XCVI da Revista de Guimarães.

(393) Certamente por má informação, Martins Sarmiento chama às ilhas Cies, ilhas do Leão. As que ele designa por Cies são as ilhas Serralteiras, logo à entrada da baía de Baiona.

*Montes de Ferro — Baiona — Cabo Cillero — Ilbas Cia*

A baía de Baiona tem de sul o Cabo Cillero que nenhuma proeminência tem sobre o mar, ou quase nenhuma, porque forma com o resto da costa uma linha quase recta, e de norte o «Monte de Ferro» que só é notável pelo nome, de quase nula elevação. A tomar quase metade da ria projecta-se de sul a norte uma península <sup>(394)</sup>, onde dantes havia um velho castelo, de grandes dimensões, hoje em ruínas, e propriedade, segundo se vê, do actual ministro Eldoay (é assim a ortografia, como a pronúncia?) <sup>(395)</sup> que se fez rico, roubando o seu país, dizem, e construiu dentro um palácio <sup>(396)</sup>. Na baía vem desaguar o pequeno rio Ramalhão, que a par da ponte nova, tem outra, velha com arco gótico a par de muitos de volta inteira e com as guardas desenhando ângulos — salientes em todos os pegões da ponte — coisa nova para mim:  A baía tem pouca profundidade. Baiona é uma peque  na terra com fisionomia de aldeia, sem sinal de comércio <sup>(397)</sup>. O melhor edifício é um velho convento de freiras domínicas, e a matriz. À beira da baía há a capela de St.<sup>a</sup> Marta, que de

(394) Península de Monte Real.

(395) D. José Elduayen.

(396) Dentro do recinto muralhado do Monte Real, situa-se o «Parador Conde de Gondomar», uma das mais espectaculares pousadas espanholas.

(397) Baiona transformou-se, entretanto, numa simpática e concorrida estância de verancio.

longe me pareceu muito antiga. A porta também é do género da de S. Miguel do Castelo.

Os garotos vão buscar de mergulho ao fundo da água uma peça de dinheiro, embrulhada num papel.

As Ilhas Cias (sic) <sup>(398)</sup> vistas do cabo Cillero tomam a direcção do nascente a poente e fora da boca da baía, e um pouco a norte dela. Têm ambas uma mesma forma.

Parecem dois «túmulos» oblongos de muito pouca altura, e extensão de — eu sei? — 30 metros. Vistas do cabo Cillero ficam mais terra dentro que as do Leão, que ao pé delas são gigantescas.

É bom notar que os antigos escreviam Cico, não Sicco. De Baiona até La Guardia, a estrada corre entre o mar e montes em talude abrupto. É um deserto. Chegando porém a La Guardia, vão aparecendo alguns campos, um ou outro curso de água, pequenas freguesias, com pequenas igrejas, salvo a de Oya, onde havia um convento de frades com uma torre, não feia e alta, que um raio, de certo, destruiu no coruchéu o ângulo da balaustrada superior <sup>(399)</sup>. Nenhum monte indicando «castro», a não ser o último — o Tecla. Debalde espreitei as chãs para descobrir uma mamoa.

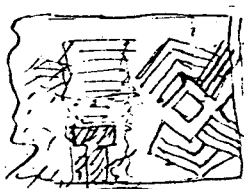
N. B. Diz o Pestana que em Paredes de Coura, onde abundam antigualhas, há ainda vestígios da estrada romana, que de Ponte de Lima ia a Valença (Tui).

### Agosto

1 — Visitei hoje de novo as ruínas da Cidade de Âncora, e na bouça do Pinto encontrei um fragmento de pedra ornamentada, e que muito estimei porque tem uma ou outra analogia com Sabroso:

<sup>(398)</sup> Ver nota (393).

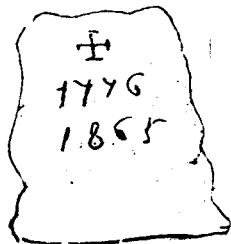
<sup>(399)</sup> O mosteiro de St.<sup>a</sup> Maria de Oya foi fundado em 1137, e está classificado como monumento nacional. Esteve em tempos guarnecido com peças de artilharia, para defesa contra os piratas, pelo que os frades eram conhecidos como «frades artilheiros».



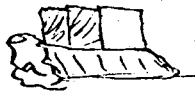
A ornamentação está safada e parece que a pedra foi aproveitada depois de ornamentada, para outros usos (400).

No penedo pequeno ao alto, a norte da bouça do Pinto, esteve de certo em tempos uma cruz como mostra a cavidade no topo superior, onde a haste da cruz deveria encaixar. Do lado de trás (nascente) tem:

Algum desastre que ali houve, obra de parentes que se lembraram do morto? Coisa rara é.



2 — *Mamunha de Maruco das Águas* — Não tem cara de dólmen. É porém da dimensão da sepultura da Ereira. (a) Parte da caixa de pedra, principalmente nos topos do lado direito (com cara para o nascente) foi já saqueada. Os suportes pouco mais têm de um metro de alto, e são como os da Ereira, sobrepostos: do lado de poente, que mal se Achados: um bocado de cristal informe de ferro — alguns deles com ornamentação ligeira ponte de *silex negro*, pequena seta. É de pedra lisa serve para provar a contemporaneidade dos dólmenes e das mamunhas simples.



a) é um grande calhau de rocha — um fragmento de cacos, um de pasta avermelhada — uma para uma lança e grande para cada (401). Estimei o achado que



(400) Esta pedra ornamentada encontra-se exposta no Museu Martins Sarmento (Catálogo de Epigrafia, 3.<sup>a</sup> Edição, pág. 184).

(401) Esta ponta encontra-se exposta no Museu Martins Sarmento.

(a) O diâmetro do montículo: 22 passos, menor portanto, que o da Ereira. Altura menor.

3 — *Mamunha da Chã das Varges* — Nada deu senão um boçado de cristal de rocha. Além da pedra que se via emergente nenhuma outra. É tradição que havia ali uma grade de ouro.

Segundo um informador, não faltam mamunhas por Vila Verde. Procuraremos.

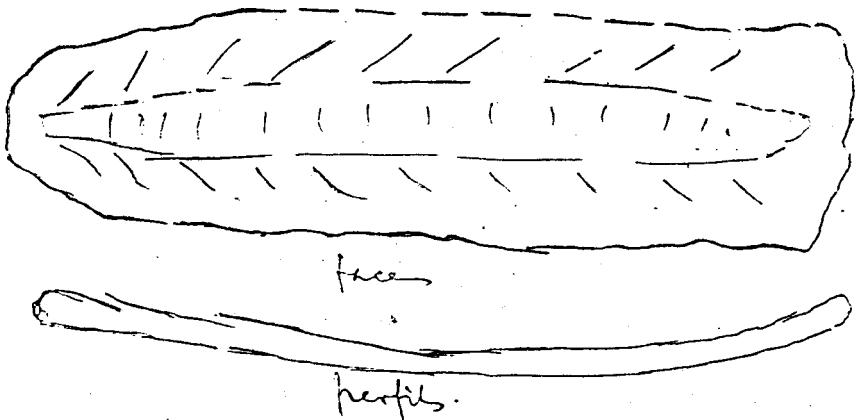
N. B. A célebre data de 1776, que tenho encontrado numa laje de cruz da Ereira, na Cividade, cruz da Matança, alude à divisão de Âncora e Afife, segundo o abade de Âncora. A linha divisória começa no Forte do Cão, que ainda é de Âncora, indo ao Crasto dos Mouros.

### ANTIQUA III

Âncora (*continuação*)

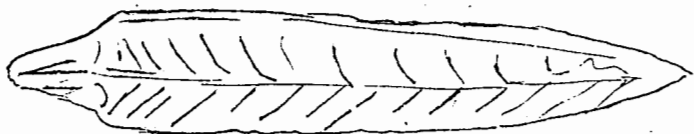
Agosto

5 — *Dólmen de Vila Chã* — Veio hoje o João Marrucho dar-me conta da sua exploração em Vila Chã. O homem tinha explorado uma mamunha simples, que não deu nada e ia no meio de outra, que também nada prometia. Em compensação, o dólmen do monte da Cerca deu 11 bonitas pontas de sílex; uma faca (*idem*), e um punhal, ou furador, de sílex negro.



A faca é de sílex anilado, como a maior parte das pontas de seta, menos uma que é de quartzo. A forma é exactamente, como era de esperar, as da Barrosa e de Vile.

O punhal é de sílex negro, e talvez de legítima pederneira:



É de 3 esquinas, como uma lima.

Além destes objectos appareceu uma urna completa, pois que uma pequena falha que tem, mal se pode tomá-la a sério. Tem uma asa grosseira vazada, e na volta do vaso e sempre a igual distância dela e da asa propriamente dita 4 aselhas, como as asas rudimentares de Sabroso. A parte oposta à asa está toda calcinada (402). O dólmen tinha sido revolvido e todos estes achados são duvidosos, segundo parece, devido à queda antiga dum dos suportes (11 palmos), pois que por baixo dele é que começou a apparecer o que ele recolheu. Desconfio porém muito que entre os «seixos», que o Marrucho diz haver lá em abundância, escaparia mais que uma machadinha. Este ano ainda, uma nova exploração torna-se necessária. (Apareceram também alguns fragmentos de ferro oxidado).

O Marrucho dá o nome do Cardante, do lugar da Guilheta, margem esquerda do Neiva, e defronte do Castelo do Neiva, que sabe de muita coisa e se prontificou a mostrá-la. Há mais outro velho, conhecido do Marrucho, e cujo nome me esqueceu perguntar-lhe que também dá notícias doutras antiguidades. Veremos isso de perto.

O José foi reconhecer ontem duas mamoas para além do Maruco das Águas — uma fica ao pé da capela arruinada no monte sobre Caminha, outra para cá, mas vendo-se da primeira.

7 — Apontamentos do livro «Descrição de Caminha» — (N. B. — O livro é manuscrito, sem nome do autor, que alude e emenda a Corografia de Carvalho), mas diz o Abade de Âncora que o livro corre impresso.

(402) Estes artefactos encontram-se expostos no Museu Martins Sarmiento.

Caminha está situada no Cabo St.º Antão; há uma rua chamada ainda do Cabo. — O Minho que nasce entre as serras de *Lijó e Medombedo* tem águas purpúreas em algum tempo do ano (não diz quais). — A Matriz é de 1486; nos seus alicerces se deitaram «pequenos de prata e ouro». — O Senhor encontraram-no os pescadores nas redes, dentro de um caixão coberto de limos e mariscos (não diz de que). — O nome da ínsua «Ínsua de Carmes». Diz que a última vez que se passou a pé enxuto da terra para a Ínsua foi em 1708; depois se cerrou o mar até o dia de hoje. — Uma rua insignificante tem o nome de Rinho d'ouiro, que o autor faz equivalente a arinho de ouro — areal de ouro; mas neste ouro quer ele ver as riquezas dum antigo e extinto comércio. — Os da Serra de Arga, em vez de candeias usam «uns pauzinhos» a que a natureza comunicou um suco oleoso (diz o abade de Âncora que estes pauzinhos são ramos de pinho e que o uso desapareceu). — As danças ao som da gaita e castanholas seriam muito graciosas. — Esta montanha era chamada sagrada «pelo vulgo», mas por ser habitada por muitos frades. — Montes que chama derivados deste: Monte de Nossa Senhora da Serra, S. Pedro de Varais, que foi matriz (a velha igreja) de Azevedo; a igreja de Bulhante passou para o Calvário em 1719; Monte do Facho (o do marco geodésico, sem dúvida), fala na devoção e voto das telhas a St.º Isidoro, para as dores de dentes e da cabeça, mas nada adianta. — Monte de St.º Antão (já dito) (os outros conhecidos — Terrugem que chama Terrujes, monte de St.ª Luzia, Monte Dor).

O rio Minho, segundo a tradição, teria a virtude de tornar os cabelos louros. — Cristelo — Diz que ainda conserva o nome de Cividade uma mata de um tal, entendendo-se que no tempo dos romanos houve aqui povoação. — Famosa a água da ponte de Barbanços; já a da Cividade faz criar piolhos: — Rio Arga, antigamente Agron, afluente do Coura. — Na Freguesia de Çopo (*sic*) onde quase todos os habitantes são pedreiros, houve um Senhor que por muito tempo esteve num nicho no Monte Conselo. — Vilar de Mouros (no monte de Gois) (*sic*). Fortificações antigas, porque abrindo-se uns alicerces para tirar obra, se acharam vestígios dela (*sic*) onde a Capela da Sr.ª do Crasto (*sic*) e um traçado comido da ferrugem. Arrais (à raiz) deste monte em pouca distância buscando eu uma fonte, achei um aqueduto por onde antigamente ia encanada uma pequena fonte que aqui havia e indo seguindo seu curso dos canos achei a forma duma cisterna, a qual ainda não mandei desentupir. A maior parte dos aquedutos são abertos na penha e o é também a cisterna, junto da qual

achei alicerces de casas, e sinais de minas, e vários pedaços de vaza de fundição e alguns fragmentos de bronze.

No monte chamado *Crestilhão* da parte de além da ponte (norte, margem esquerda do Coura, sem dúvida) achou um lavrador, chamado Domingos Alves de Cubo, dois folhetos de bom ouro, donde se segue que naquele monte há de haver minas. Os moradores de Lanhelas são muito alentados: nas ocasiões de festa vão a Viana lutar com os daquela terra. — Freguesias rurais pertencentes a Caminha: Cristelo, Moledo, Gontinhães, Vile, Vilar de Mouros; Lanhelas, Venade, Azevedo. Como falta uma página, talvez nela nomeie Dem, que era inicialmente Daem. Tem «um ramo» da freguesia de Covas, outro de S. Lourenço da Montaria, ramo a que chamam Pedrulhos e Transâncora (Trás-Âncora?) O Orbacém pertencia dantes a Meixedo.

N.B. — Esta circunscrição hoje não é rigorosa.

10 — Fui ver as ruínas ao pé da Areosa, e logo ao pegar com a quinta do João Coelho de Castro Vilas Boas Jr. Chama-se *Crasto* (403). É um pequeno monte fortificado muito mais pequeno que Sabroso. Os vestígios das muralhas são muito visíveis, muito mormente para o lado de nordeste, e por onde o planalto era mais acessível. Deste lado a muralha mostra umas reentrâncias e saliências, que me ofereceram novidade.

Mas resta saber se esta forma é devida a uma acumulação de pedra caprichosa. Não o parece, verdade seja. Numa casa que o Coelho tinha escavado há intercessão de duas casas circulares, como em Sabroso:

go pé de  
duma das  
os curiosos  
te abaixo.



Uma das telhas encontrada numa escavação feita diante de mim tem a marca dos dedos, como as da Citânia.

Apareceu também escumalha de ferro. Acos mais de mil passos do coto muito alto apareceram

Em a) apareceu um lombo moinho, como o central das casas de Sabroso, que lhe voltaram pelo monte.

Telha romana e fragmentos de ânforas.

Apareceu também norte e a pouca Crasto num picampas, muitas segundo parece in-





(403) Crasto do Pego. Inventariado com o n.º 185 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Vila Chã, concelho de Barcelos.

teiriças e pequenas. O monte é muito estéril. A distância de 2 tiros de bala, (sendo daí ao marco geodésico do Terrugem outro tanto) ficam os «casebres do S. Pedro», de que já me tinha falado o pároco da Areosa. Segundo diz o Figueiredo da Guerra que nos acompanhava, não têm grande antiguidade. Parece-me porém que merecem ser examinados. A população do Crasto desceu para o poente. Os cacos ornamentados (poucos, segundo o Coelho) de que falara o Gaspar Queiroz, foram dados ao Felgueiras.

O Coelho mostrou-me um sítio à beira-mar e a menos dum quarto de légua da foz do Lima, onde apareceram moedas antigas.

*Igreja de Carreço* — A porta de entrada, é de volta inteira, com um cordão torcido de  $\frac{1}{2}$  palmo de diâmetro: o remate do cordão é uma cara.



13 — No monte de St.º Antão (Caminha) há mais duas mamunhas. Ambas de diâmetro comum: — 22 passos. A primeira inominada fica a nordeste, e próximo das ruínas da capela de St.º Antão, hoje em ruínas e sem nada de notável. Esta mamunha não conserva uma só pedra. Uma exploração ligeira nada deu. A 1300 passos desta, à beira de um caminho de carro que vai para a Forcada, lugar de Azevedo, fica a outra que chamam «Poço da Chã», e alguns «Cova do Armada», porque um sujeito deste nome, tinha e não sei se ainda tem o costume de ir até ali roçar mato. As duas mamunhas estão à vista uma da outra, e a última principalmente na aresta, ou quase, do monte que olha para o vale onde fica Venade, Azevedo, e mais longe Argela. Suspeito muito que esta mamunha fosse um dólmen, e um dólmen digno de atenção. Infelizmente a escavação, que só deu um bocado de telha, e dois pequeníssimos fragmentos de louça preta, um de fundo de vasilha, outro de bordo com saliência em toda a orla:  foi incompleta. O meio diâmetro da mamoa — 11 passos vem dar  no sítio, onde há hoje vestígios de pedras:

Ora claro é que o corpo principal havia de ocupar o centro. O que a escavação pôs a descoberto foi a galeria, e ainda assim não a rompeu toda, como devia. A disposição da galeria descoberta é: A galeria vira para nascente, mas na orla da mamoa havia um



*ladrilho* que já foi saqueado para um lar, e de que ainda restam vestígios, que a continuação da escavação poria a descoberto, dando uma novidade:

a) lugar do ladrilho.

Se os selvagens mento até ao ano curiosidade é que nu pertencente ao dól de comprido e 1½

vadas duas fossetas muito distintas:

Debalde perguntei se por ali haveria mais. Ao pé da capela do monte da Serra, numa chã, descendo para Dem confirmou um homem que havia outra.

Também debalde procurei se o monte de St.º Antão teria vestígios de muralhas. Nada.

Marcas de telhas da Cividade:



Do Castro de Âncora:



14 — *Mais mamunhas em Vila Chã* — Uma no alto da Cerca (a parte do monte para o lado do mar). Outra na Portelagem (segundo o João Mar-rucho com umas 11 pedras, e como ele ainda não viu nenhuma). Outra no alto da serra (onde o dólmen). Outra na bouça do Cabrão.

Em S. Lourenço há muita telha (romana) e vestígios de fortificação.

Perto do Aqueduto que corta a estrada de Gontinhães a Viana (entre a povoação e a ponte de Âncora), no bravio, pegado à quinta murada, há nuns penedos algumas covinhas:

Inclinação dos suportes laterais (o nenhuma) — o 2.º (direita do especta num metro tem 0,27; o 3.º (id. id.) Mouros).



traseiro — não tem dor, e contando de trás para diante) 0,20 — (Lapa dos

(Continua)